

PERNAMBUCO



GILBERTO FREYRE: MODOS DE ARMAR

NOS 80 ANOS DE *CASA-GRANDE & SENZALA*, AUTOR PERMANECE
INSTIGANTE PORQUE CONTINUA A DESAFIAR PENSADORES

FOTO: ARQUIVO REVISTA CONTINENTE | DESIGN: JAMIO SANTOS

GALERIA PRI BUHR

A fotógrafa Pri Buhr faz questão de resumir essa sua imagem, que tem uma intensidade literária (fotografia é linguagem; literatura é linguagem), apenas com a frase de um clássico da MPB: “é sonho-segredo, não é segredo”, tirada de uma canção de Caetano Veloso.

instagram: pribuhr00

flickr: www.flickr.com/photos/pribuhr



COLABORADORES



César Aira, escritor e teórico argentino. Autor, entre outros, de *As noites de flores* e *Como me tornei freira*, que a Rocco lança no próximo mês.



Luiz Vilela, premiado escritor mineiro e responsável por, entre outros, os livros *A cabeça* e *Te amo sobre todas as coisas*. Sua obra já foi publicada em vários países.



Michel Laub, Autor gaúcho. Recebeu o prêmio Erico Verissimo/Revelação, da União Brasileira dos Escritores, e foi finalista dos prêmios Jabuti e Portugal Telecom. Seu novo romance, *A maçã envenenada*, é lançado esse mês.

E MAIS

Anco Márcio Tenório Vieira, professor do Departamento de Letras da UFPE e autor do livro de ensaios *Adultérios, biombos e demônios*. **Paulo Carvalho**, jornalista e mestre em Comunicação Social. **Reginaldo Pujol Filho**, pós-graduado em Artes da Escrita na Universidade Nova de Lisboa e autor dos livros *Quero ser Reginaldo Pujol Filho* e *Azar do personagem, não?*. **Ronaldo Bressane**, jornalista e escritor, autor do roteiro da *graphic novel* *V.I.S.H.N.U.* (Companhia das Letras). **José Luiz Passos**, Autor de *Nosso grão mais fino* e *O sonâmbulo amador*, ambos pela Objetiva/Alfaguara.

CARTA DO EDITOR

O pernambucano **Gilberto Freyre** é um daqueles casos de ame-o ou deixe-o. Sua obra gera casos de amor extremo ou de repulsa violenta e continua tão contraditória quanto no auge da produção do autor. Quer prova maior da persistência da obra de um pensador do que a longevidade em relação às polêmicas que provoca? No ano em que são lembrados os 80 anos do seu clássico maior, *Casa-grande & senzala*, tentamos compreender melhor o impacto do legado freyriano a partir de três perfis distintos de pesquisadores da sua obra. Entre eles, a biógrafa Maria Lúcia Pallares-Burke, que chega ao Recife esse mês como convidada do festival literário *A Letra e a Voz*, promovido pela Prefeitura.

Num outro artigo sobre o livro, Anco Márcio Tenório Vieira, professor do Departamento de Letras da UFPE, escreve um longo texto sobre o impacto que *Casa-grande & senzala* causou naquele Brasil da década de 1930: “Assim, o que os seus críticos chamavam de palavras ‘chulas’, ‘impuras’, ‘anedóticas’ e ‘tolice de alguns gramáticos’ eram, na verdade, a inversão das regras do ‘bom gosto’ e do ‘bem es-

crever’ até então predominantes. Ao invés de continuar se subordinando às amarras de uma língua petrificada (antes do papel do que da rua), Freyre, agora, em sua busca por uma linguagem mais plástica e pedestre, sujeitava aos seus ditames a língua pátria.”

Nessa edição ainda trazemos um texto inédito do novo romance de César Aira, principal nome da ficção argentina hoje. *Como me tornei freira* é lançado em setembro, aproveitando a passagem do autor pela *Bienal do Livro de São Paulo*. Vale ressaltar que essa edição da obra traz ainda um ensaio de Sérgio Sant’Anna sobre a importância da ficção de Aira.

Outro destaque desta edição é a crônica do escritor José Luiz Passos destacando a importância da ácida obra de Lima Barreto, que deve ser o homenageado da *Flip 2014* (esse ano os organizadores da *Festa Literária de Paraty* não fecharam o nome do homenageado, apenas lançaram no ar algumas sugestões, como Lima e o cronista Rubem Braga).

Boa leitura e até setembro.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE

Presidente interino
Bráulio Meneses
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)
Antônio Portela
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Debóra Nascimento, Gilson Oliveira e Mariana Oliveira (revisão), Mariza Pontes e Marco Polo (colunistas)

ARTE
Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)
Daniel Gonçalves (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140

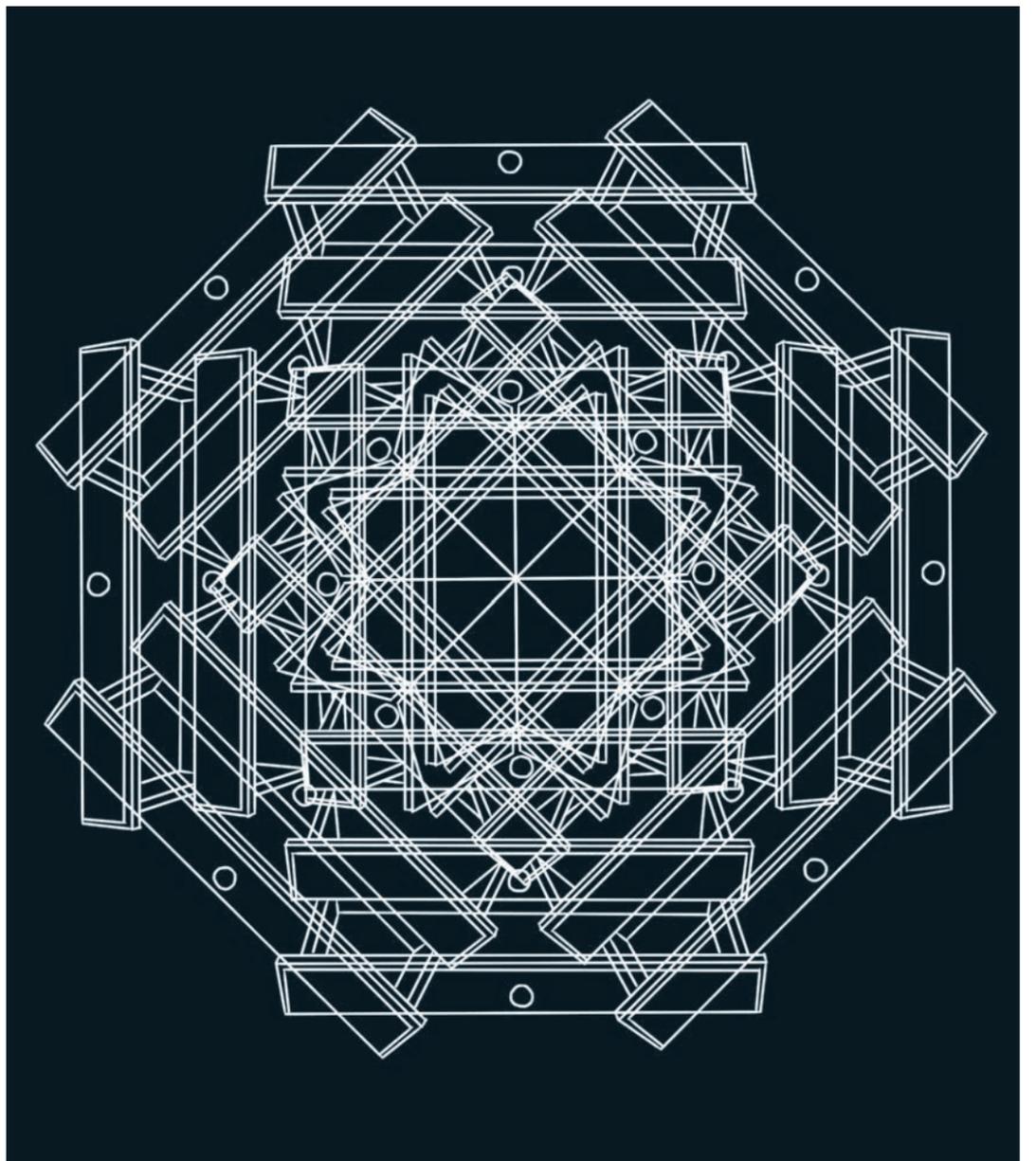
Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

O melhor conselheiro do autor: a gaveta

Prestes a lançar um novo livro de contos, *Você verá*, o premiado escritor mineiro descreve ao **Pernambuco** o processo de criação que atravessa a sua literatura

KARINA FREITAS



Luiz Vilela

Naquela tarde, que longe vai no tempo, o adolescente de 13 anos, depois de anotar no seu diário que escrevera uma redação e um pequeno conto, acrescentou: “Agradeço a Deus por estar tão inspirado.” Sua inspiração, pelo visto, continuou, pois ele, que já começara a publicar, em jornais estudantis, aos 14 publicava, pela primeira vez, um conto num dos jornais da cidade, e aos 15 passou a colaborar com o principal jornal, nele publicando crônicas e contos.

Mas já então, por experiência própria e depois de ter lido alguns dos maiores autores da literatura mundial, além de suas biografias, cartas e diários, o jovem escritor sabia que para ser um dia um grande escritor a inspiração somente não bastava, era preciso outra coisa tão importante quanto ela, ou até mais: a transpiração. Foi nessa ocasião que leu, em algum lugar, o dito de que o gênio era um por cento de inspiração e noventa e nove por cento de transpiração.

O escritor ficou moço, publicou seu primeiro livro, depois outros, foi premiado, traduzido, adaptado e chegou aos 70 anos. Se a inspiração continua com ele, não posso garantir, mas a transpiração, esta sim, continua. Hoje como ontem, e como sempre ao longo desse percurso de mais de meio século, as páginas, escritas primeiro à mão, ao serem relidas, cobrem-se de rabiscos. São alterações, cortes, acréscimos – tantos rabiscos, que o próprio autor, que os fez, tem as vezes, depois, dificuldade em entendê-los.

O texto é então datilografado. (Sim, você leu certo, é datilografado mesmo; ainda uso, e gosto de usar, essa coisa antiga chamada máquina de escrever.) E aí, nova leitura, com novas alterações, cortes e acréscimos, que, em certos momentos, parecem que nunca terão fim, que a obra, seja ela um conto de uma página ou um romance de trezentas, jamais estará terminada.

Nesse processo, quando começo a recuperar hoje o que ontem risquei, e a novamente riscá-lo amanhã, e a não saber, depois de amanhã, se o

mantenho ou não, é hora de afastar-me do texto e entregá-lo ao que chamo de o melhor conselheiro de um escritor: a gaveta. É pôr o texto na gaveta e lá deixá-lo por semanas, meses e às vezes até anos.

Com o texto de novo na mesa de trabalho, depois que as novas alterações são feitas, eu o mando a um digitador. Quando ele volta, começa o teste da leitura em voz alta. Leio o texto de ponta a ponta em voz alta – não para outra pessoa, mas para mim mesmo. Aliás, a simples proximidade de outra pessoa tornaria a leitura inviável. O teste é infalível. Não há frase mal-escrita que a ele resista.

Segue-se então o que é o último teste: a leitura de pé, sentado e deitado. Dele falei uma vez em público; a informação circulou no meio literário e virou folclore a meu respeito. Mas é verdade, eu faço mesmo isso. É que em cada uma das três posições a visão que se tem do texto é diferente, o que só pode ajudar a melhorá-lo.

Pois, meus amigos, não contente com o meu método, e prosseguindo na minha incansável busca da perfeição, pretendo ir mais longe ainda: ler o texto de cabeça para baixo. Não, não é o texto que ficaria de cabeça para baixo: é o autor mesmo. É o autor que ficaria, como nós, mineiros, dizemos, plantando bananeira. Não será fácil, eu sei, mas... Enfim, tudo pela arte!

E assim, por fim, o texto vai para o jornal, a revista, ou a editora, definitivamente pronto. Definitivamente? Bom, não exageremos, pois, quando há uma republicação ou, no caso de um livro, quando vêm as provas – benditas provas –, a gente acaba dando com algo que nos havia escapado. O que pode acontecer ainda numa 2.ª edição. Talvez numa 3.ª. Numa 4.ª. Numa... Ufa!

Depois de tudo isso, vejam vocês, depois de tudo isso vem um cidadão que havia lido pela primeira vez um livro meu e, impressionado com a fluência, a clareza e a simplicidade do texto – para resumir os comentários dele feitos na hora –, candidamente me pergunta: “Você senta e tudo aquilo vai saindo?”

Sentar e tudo aquilo ir saindo, respondi, eu sabia era de outra coisa, não de escrever...

Pois é...

PERFIL

Comendo um hambúrguer com o monstro

Paulo Scott fala do seu novo romance, de mulheres-abismo e do exílio voluntário

Ronaldo Bressane

O grande Paulo Scott abre o forno do fogão de quatro bocas e enfia uma travessa com três nações de minha moída. Prepara três burgers: para sua amada, a atriz Morgana Kretzmann, para o repórter e para ele. “Tu gosta do teu bem passado, não é?”, recorda. A carne foi suavemente amassada por suas mãos e temperada com queijo provolone, sal, cebola e alho picados. Faz muito calor no Rio, um calor abafado no Humaitá, onde Scott vive, e mais calor ainda por conta do aperto na cozinha em chamas. Abrimos mais duas cervejas e xingamos o verão. Quinze minutos depois estamos à mesa de sua sala de estar, uma mesa de madeira escura que parece de boteco antigo, mesa de madeira escura que cai bem na casa de um advogado. Entre burger e ceva, falamos do livro que Scott acabou de entregar à Companhia das Letras, *Ithaca road*. Como escritor, Scott é um hamburgueiro chapa-quente.

Conheço Scott há uns dez anos, desde que soube de um advogado skatista mulato que escrevia contos e poemas angustiados em um vernáculo estranho e ritmo fraturado que devia tanto aos labirintos linguísticos legislativos quanto aos tombos no *half pipe*. Tinha um livro a sair pela editora mais bacana de Porto Alegre – a Livros do Mal, propriedade de Daniel Pellizzari e Daniel Galera –, *Ainda orangotangos*. O original mix advogado/ skatista/ mulato/ escritor era sob medida para a seção de literatura da revista *Trip*, e ali acomodei o perfil massudo porém não maçante de Scott, cento e tantos quilos em 1,82 metro. Meses depois o conhecia em pessoa, sob uma tempestade de gim na Merceria São Pedro, em São Paulo; sua indumentária, que combinava bermudas com sapatos sociais pretos e camisa de mangas curtas abotoada até o colarinho ao sorriso infantil sob os óculos de aro leve e cabelos finos de nenê, lhe davam o ar de um padreco perverso. Um monstro tímido, como sugere o título de um livro de poesia seu.

Dali em diante só cresceu a obra de Scott, hoje com 47 anos. E não me refiro só aos livros de prosa e poesia como a sua atividade incansável como agitador de cultura. Quando notou que o corpanzil não lidava com idêntica destreza entre a banca de advogados, as aulas de direito (seu *Direito constitucional econômico: estado e normalização da economia* é bibliografia básica) e as rodas literárias, resolveu cavar espaço em uma nova cidade: Rio de Janeiro. Sua terceira cidade, já que tinha morado em Londres aos vinte e poucos anos. Escolheu como QG o escondido bairro do Humaitá. Seus projetos são concebidos em um escritório dominado por uma bela mesa (de madeira escura sólida) ladeada por quadros de amigos como Guilherme Pilla, Fabio Zimbres e Eduardo Medeiros (mas seu *desktop* tem vista para uma parede vazia, para não distrair a escrita) e uma janela de onde o espia o Cristo Redentor. Ali surgem não só livros mas também peripécias literárias. Projetos como o *Na tábuá*, de literatura-mural, em que cada escritor dividia uma folha de papel A3 com um desenho de Zimbres (mais de 100 peças já foram expostas, aguardam uma editora). Ou o caos ordenado da *Orquestra literária, happening* que combinava, ao vivo e em vídeo, fragmentos das obras de vários autores com textos seus e composições de Flu, ex-DeFalla. Ou o *De modo geral*, uma “revista ao vivo” em que Scott “edita” colaboradores do naipe de João Paulo Cuenca, Xico Sá e Allan Sieber. Ou a novíssima *Gabiru*, revista literária em plena gestação, a ser lançada ainda em 2013.

MULHERES-ABISMO E AMORES EXPRESSOS

No mesmo 2008 em que se mudou para o Rio recebeu o convite do produtor Rodrigo Teixeira para participar do projeto *Amores expressos*, que mandava um autor brasileiro a alguma parte do mundo com a contrapartida de escrever um romance. E lá foi Scott passar um mês em Sidney, Austrália. Quando surgiu a ideia do romance já havia a história? “Não, não havia”, diz Scott, apanhando um guardanapo. “Claro, não posso negar que a história veio de algumas inquietações já existentes, como a vontade de escrever uma história onde houvesse um protagonista autista, uma personagem cuja postura pudesse reverberar obliquamente sobre as atitudes e destinos dos outros envolvidos na trama, mas o argumento que serviu de eixo-central veio integralmente das percepções adquiridas durante os 30 dias em que fiquei em Sydney e outros dez em que estive de passagem por Auckland na Nova Zelândia”, conta ele. A personagem cuja trama reverbera sobre outras é Narelle, uma neozelandesa de 1,80m de ascendência maori e problemas com psoríase,

JANIO SANTOS SOBRE FOTOS DE DIVULGAÇÃO



cujo irmão sumiu, repentinamente obrigando a moça a cuidar de seu café-restaurant, que enfrenta um processo de falência. A garota autista é Anna, uma menina que desenvolve uma fixação por Narelle. O leitor aos poucos perceberá que não há nada de Brasil no romance – a não ser uma distante menção ao Maranhão, onde está outro elemento-escape da trama, o fugidio namorado jornalista de Narelle.

E como ela surgiu? “Narelle veio, sobretudo, da sonoridade contida no próprio nome (que significa algo como ‘alguém que pertence ao norte’)”, explica Scott. “Foi numa exposição sobre fotojornalismo australiano em um museu de Sydney que descobri por acaso essa fotógrafa talentosa chamada Narelle Autio. O nome ficou na cabeça.” Scott conta que a personagem veio de um contraste bem próprio da Austrália, entre o estigma de paraíso onde vive uma sociedade bem-sucedida e a existência de conflitos que ainda não foram bem equacionados. Alguns desses conflitos incluem a difícil relação com os aborígenes australianos e os vizinhos, os maoris neo-zelandeses – conflitos espelhados em um enigma oculto por Narelle. Que, assim como *Voláteis* e *Habitante irreal*, é outra forte personagem feminina a comandar uma trama de Scott.

“São mulheres-abismo, desencadeadoras de microtragédias que as justifiquem sob a perspectiva literária, abrindo oportunidades sempre raras. Gosto de enfrentar essa inevitabilidade de maneira franca, mesmo que o preço a pagar seja alto demais, e superá-la, na medida do possível e do impossível também”, desenvolve o autor, matando outra cerveja. Mas muito mais difícil do que chegar a Narelle talvez tenha sido compor Anna. “Foram quase dois anos de pesquisa intensa sobre autismo e a Síndrome de Asperger até constituí-la de modo plausível”, diz. Scott conta que tem recebido mensagens de pessoas que convivem com portadores de Asperger que confirmam seu acerto em escolher Anna como o “espelho” da Narelle. “O Asperger, assim como o autismo de espectro mais



abrangente, conforma um universo sem regras e padrões para o qual a medicina ainda tem pouquíssimas respostas”, conta.

Talvez ainda mais corajoso do que narrar sob o ponto de vista feminino, e sob o ponto de vista de uma garota com Asperger, seja narrar sob o ponto de vista de uma garota com Asperger que se apaixona por outra garota. “Suspeito que alguém possa rotular o livro de novela gay”, ri Scott, “mas o que está lá é o entendimento de que um momento especial de afeto, de encontro entre duas pessoas, se houver coragem, entrega, está acima das rotulações do tipo ‘heterossexuais’, ‘homossexuais’, ‘bissexuais’”. Para o autor, o carimbo da inclinação sexual é uma limitação, um enquadramento forçado e reducionista da complexidade humana.

O ANO EM QUE VIVI SÓ DE LITERATURA

Outro tema central em *Ithaca road* é o exílio. Mas pelo aspecto positivo: todas as personagens são de algum modo exiladas, o que as empurra sempre para a algum lugar. Este talvez seja um dado novo na literatura de Scott. “Na história há muita inquietação, há pessoas expurgadas, gente expulsa, que a certa altura passam (ou simplesmente se acostumam) a se divertir com o que lhes coube e, porventura, acabou se transformando na sua normalidade – com pouquíssimo espaço e tempo para reclamações”, explica o autor. “Hoje o exílio já não é o fim do mundo, faz parte do jogo, é algo com o qual as pessoas negociam sem grande dificuldade, mas, à vezes, também é um trem em alta velocidade, um trem que não se consegue parar e pode a qualquer instante descarrilar, porque aniquila as possibilidades de equilíbrio e estabilidade numa perspectiva de longo prazo.”

Uma curiosidade na obra de Scott é a separação Igreja–Estado, ou melhor, entre poesia e prosa. Sua poesia, que exhibe uma sintaxe bem peculiar, afeita a asperezas e – já se disse deste advogado também

“Hoje o exílio já não é o fim do mundo, faz parte do jogo, é algo com o qual as pessoas negociam sem dificuldades”, revela Paulo Scott

filho de advogado –, um léxico pouco “poético”, é bem diversa de sua prosa, esta limpa, tonificada pela narrativa, em que as descrições tendem à exatidão. Nas duas, uma ausência estridente: a falta de gauderismos, um sotaque neutro. Depois de voltar com o último par de cervejas de sua geladeira na mão, ele conta: “Gosto de pasteurizar a linguagem, chapá-la até, mas de uma forma provocativa (não diante dos outros, mas diante de mim mesmo)”, diz. “Sempre me diverti com as certezas de província, de castelo, com aquele tipo de convicção de turma que, numa ótica invariável e desastrosamente adolescente, sempre consolidam apenas um modo de encarar as coisas. Essa miopia tão valorizada em certos clubes literários não me interessa. Porto Alegre está lá, mas também acoplada a uma velocidade que me parece indispensável, a um liquidificar que consolida minha voz, porque é a maneira como a concebo. Trata-se de um interminável processo de partidas”, conta o gaúcho-carioca.

Sobre a linguagem em prosa, afirma procurar a “rispidez”. Mas não sabe se há distanciamento do olhar e da experiência poética. “Gosto da linguagem poética comedida, avessa à sintaxe padrão. Busco uma despreensão em relação à linguagem e também em relação à narrativa. Imagino que tenha buscado ser menos lírico – mas daí, numa altura e outra, todas elas cruciais, ele, o lirismo, salta de modo duro e até calculista; e salta com força”, descreve.

Findo o hambúrguer, Morgana despede-se: vai para o ensaio da peça *Big jato*, adaptação do romance homônimo do compadre Xico Sá – companhia certa nas intermináveis noites cariocas. Romance findo, Scott diz prosseguir outro projeto: o romance *O ano em que vivi só de literatura*, “espécie de sátira do *mainstream* literário brasileiro, tão frágil e precário, do qual vários de nós escritores fazemos parte”. Outro projeto está em *stand-by*: *Não me mande flores*, uma *graphic novel* com roteiro de Scott ilustrada pelo Eduardo Medeiros, girando em torno da formação clássica da banda DeFalla: Biba Meira, Edu K, Castor Daudt e Flavio Santos (Flu). O roteiro já foi feito – falta o nanquim de Medeiros concluir. Mas todos esses projetos terão de esperar. O calor consumiu todos os líquidos do apartamento de Scott – e a solução é andar algumas quadras até os botequins da Cobal. Escondido ou exilado, o escritor está sempre no centro de tudo o que importa.

O LIVRO



Ithaca road
 Editora Companhia das Letras
 Páginas 112
 Preço R\$ 32,00

ENTREVISTA

Silviano Santiago

Para além das “crises” e de olho nas transformações

Um dos principais nomes do pensamento literário latino-americano lança livro reunindo ensaios para a imprensa e reflete sobre as implicações que a literatura vive hoje

FOTO: DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Schneider Carpegiani**

Vencedor da edição mais recente do Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra, Silviano Santiago acaba de lançar *Aos sábados pela manhã* (Editora Rocco, R\$ 36,50). A obra reúne sua produção recente para a imprensa: são pequenos ensaios que trazem o olhar afiado do crítico atravessado pela maestria da escrita do ficcionista, analisando tanto a produção literária contemporânea quanto os clássicos modernistas. Nessa entrevista para o **Pernambuco**, o autor falou sobre sua visão em relação à crise atual vivida pelos cadernos de cultura, das questões valorativas do mercado editorial e de como ergueu seu *sui generis* método de análise.

Você acaba de reunir em livro uma série de artigos publicados em jornal (no caso O Estado de S. Paulo) num momento em que o jornalismo cultural sofre uma grande crise, com o fim de suplementos e diminuição de espaço para o debate literário. Estaríamos vivendo uma crise inteiramente nova em relação ao jornalismo cultural ou é mais uma crise, dentro das muitas vividas pelo formato? Como você observa hoje o jornalismo cultural?

Não usaria a palavra crise nem evolução e muito menos involução. Uso transformação. Talvez seja possível nomear os elementos responsáveis pela transformação, ou motivadores dela. Se bem lembro o antigo jornalismo literário, direi que ele sofreu dois importantes impactos quando duas palavras foram introduzidas nele. Dois conceitos.

Refiro-me a “comportamento” e “tendência”. Comportamento data do aparecimento e domínio da cultura pop norte-americana no pós-guerra. O pop descarta muito da cultura erudita europeia e se apoia nas conquistas sociopolíticas das microrrevoluções levadas a cabo pela massa universitária e pela massa jovem. Do lado do saber, as manifestações contra a guerra do Vietnã na Universidade de Berkeley e demais universidades americanas se somam aos acontecimentos de maio de 1968 no Quartier Latin. Do lado pequeno-burguês, o modo de vida entronizado por Elvis *the Pelvis* e o rock & roll. A noção de “tendência” é mais recente e tem a ver com a preocupação pela moda (*fashion*) como definidora do que seja o quente na atualidade. O direcionamento do jornalismo cultural pela tendência, pelos fashionistas, talvez date dos anos 1990, quando surgem as celebridades e seus seguidores. Comportamento e tendência criam núcleos bem sólidos dentro do campo geral das artes. Desde a ditadura militar o corpo do artista em risco de vida no palco do show ou do teatro é mais convincente que o corpo escrito do romancista ou do poeta na página de papel em branco. As artes coletivas e do espetáculo, as artes da imagem ganham e dominam o espaço do jornal. Hoje, comportamento e tendência dão as mãos para indicarem que o atual e o futuro da arte pertencem à música, ao teatro, ao cinema e à televisão. São os meios artísticos e de comunicação de massa privilegiados pelo jornalismo cultural. O suplemento literário perde para o caderno dois (que nome tenha). Ultimamente, a literatura anda correndo atrás. A poesia se torna falada e os poetas sobem ao palco e leem poemas na telinha. Vinícius é poeta, Caetano e Chico o serão? Maria Bethânia lê os poemas de Fernando Pessoa na última *Feira Literária de Paraty*. O romancista tem de ser midiático e, se não aparecer em *talk show*, ele e seu livro não existem. Mais recentemente, os escritores descobriram que o sucesso nacional não é suficiente (ou seja, o suplemento literário dos jornais brasileiros é insuficiente como cobertura das letras). Querem aparecer no *New York Times*, no *Le Monde* ou em *El País*. Escrevia-se antes com vistas à adaptação cinematográfica

“ O ensaio tem a ver com a tentativa (...) A força do entretenimento tem pouco a ver com a principal força do ensaio, a ironia

“ Escreve-se hoje para ser traduzido. Que o diga a Feira (ou a Festa) de Frankfurt, tratada como a tábua de salvação do livro

ou teatral. Escreve-se hoje para ser traduzido. Que o diga a *Feira* (ou a *Festa*) de Frankfurt, tábua de salvação do livro.

O que lhe inquieta a ponto de escrever para um periódico de grande circulação? Qual o desafio desse formato?

Sempre escrevi para a imprensa diária e semanal. Sempre julguei importante dedicar parte do meu tempo, tanto na sala de aula quanto no jornal, ao trabalho dos companheiros de profissão. Nunca me furtei a exercer a crítica literária ou cultural. Também sempre atendi aos pedidos de entrevista. A convite de Zuenir Ventura, mantive coluna mensal no suplemento *Ideias*. Nem sempre reuni esse material em livro. A reunião em livro de trabalho jornalístico – talvez seja esta a novidade de *Aos sábados, pela manhã*. Peço-lhe, portanto, licença para endireitar sua pergunta: Por que decidi reunir em livro as colunas publicadas em jornal paulista? A razão é simples: pela primeira vez pude decidir sobre o que escrever (no passado, minha colaboração era produto de encomenda). Procurei, então, concentrar minha atenção nos “livros” (esta era a única regra e restrição imposta pelo jornal) que eu julgava que tinham uma nova e importante informação para o debate literário, artístico e cultural no Brasil do novo milênio. Minha coluna não é literária, no sentido estreito do termo. Tem a ambição de recobrir também parte da discussão sobre as artes do espetáculo. Foi por isso que pedi ao amigo Frederico Coelho que

“ordenasse” as colunas. Não queria que fossem organizadas e entregues ao leitor pela ordem cronológica de publicação (seria precária e falsa). Queria que fossem contidas em núcleos.

Há um ponto que enxergo em comum entre o material dos seus textos para o jornal, e o dos seus livros: o texto que oferece prazer ao leitor na leitura, o processo de transformar o exercício teórico em uma narrativa sedutora. Em que medida o ficcionista Silviano Santiago trafega pelo crítico Silviano Santiago?

Fico feliz por ter salientado o elemento comum que une minha escrita criativa à escrita crítica. Talvez isso provenha dos anos 1950. Tive a sorte de ter tido três grandes mestres na universidade (Rodrigues Lapa, José Carlos Lisboa e Damien Saunal), sem ter de passar pelo aprendizado sófrego de novas teorias metodológicas de leitura. Não sou contra as teorias. Sou contra o aprendizado sófrego e, evidentemente, claudicante, que embaraça e, às vezes, petrifica a expressão simples e feliz das (novas) ideias. Naquela década, em aula sobrava o exercício da *explication de texte*, feito com competência pelos três mestres. A explicação traz o respeito ao texto original e o desejo de expressar o apreendido na leitura de forma tão elegante e artística quanto a prosa ou a poesia lida. Repito: não vejo inconveniente nos tropeços que a teoria literária dá na sociologia, na psicanálise e na filosofia. No entanto, se convidado a esses tropeços na tenra idade, o jovem

estudante e futuro crítico acaba se convencendo de que a análise e a apreciação do trabalho de arte se fazem sem ritmo subjetivo e com a perda do equilíbrio na construção do argumento.

Nos últimos anos, o gênero ensaio voltou a ser revalorizado, após passar um tempo visto pela academia como um gênero superficial, que não aprofundava as questões. No entanto, o ensaio foi sempre uma preferência do crítico Silviano Santiago. Por que você acha que está havendo um resgate da importância do ensaio?

O ensaio chega num momento de cansaço das grandes teorias de análise e de interpretação da obra de arte. O cansaço advém menos da importância da teoria e mais da necessidade de renovar a escrita crítica dita objetiva por demais domesticada pela razão em virtude de ter de obedecer a padrões formais e autoritários de reflexão. O ensaio tem a ver com a tentativa, com a experiência e com a audácia de trilhar caminhos desconhecidos. Perdem-se a objetividade e a precisão. Ganha-se o à vontade dos novos tempos em que a indignação é peça-chave. Há, no entanto, um perigo no ensaio jornalístico: a intromissão excessiva de mera descrição do cotidiano do ensaísta. Ao querer ser lido por público mais amplo, o ensaísta tem-se apoiado menos no ensaísmo clássico, que remonta a Montaigne, e mais no formato subjetivo e divertido da crônica tal como a escrevem Fernando Sabino ou Luiz Fernando Veríssimo. A força do entretenimento tem

pouco a ver com a principal força do ensaio, a ironia.

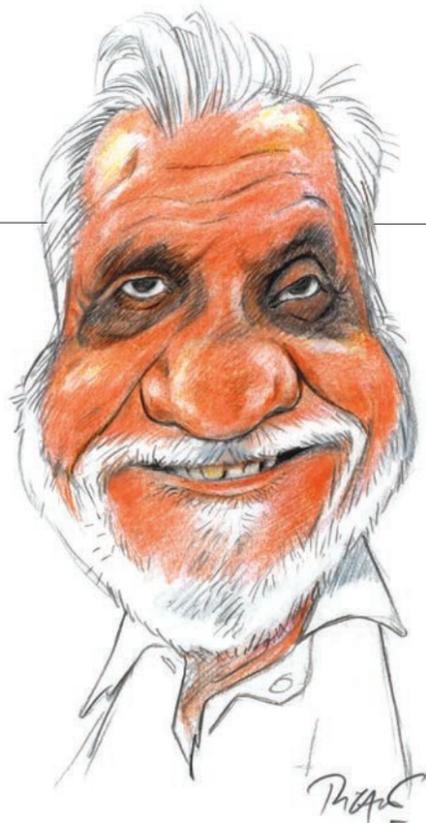
Um dos ensaios do seu livro tem como título “o novo cosmopolitismo literário”, ao falar de Bolaño. Ao ler esse título, a expressão “novo”, me levou a algumas questões, em se tratando da América Latina: no nosso caso, já teríamos superado o legado do boom dos anos 1960 e no caso específico do Brasil, os debates do modernismo, em direção a um “novo” na literatura? Ou ainda estaríamos patinando em volta desses momentos históricos?

O adjetivo “novo” se refere menos a nova escola literária, refere-se mais ao substantivo que se lhe segue, “cosmopolitismo”. Sem dúvida, a literatura latino-americana se alimenta menos da crise socioeconômica global e mais da emergência no cenário cultural planetário das respectivas e principais economias nacionais. Não é por casualidade que a *Feira de Frankfurt* se transformará em espaço mágico para os brasileiros. Romancistas e poetas preocupam-se menos com problemas relacionados à “formação identitária” do cidadão ou do Estado-nação. Preocupam-se mais com o modo de “inserção” dos produtos da cultura nacional, ou do subcontinente, no mundo globalizado. Não há mais por que descobrir o Brasil em plena Place Clichy. Você se lembra, não, do prefácio de Paulo Prado para a *Poesia Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade? Não há mais por que descobrir a Colômbia, o Peru ou o México no escritório

da agente Carmen Balcells em Barcelona. Este é o “velho” cosmopolitismo literário. No novo milênio, viajantes e cosmopolitas, como Roberto Bolaño, não recriam o Macondo natal, mas o fragmentam entre Europa, Estados Unidos e México. Dispersam-no em aventuras rocambolescas e detetivescas. No romance, *2666*, analisado no livro, universitários de Paris, Madri, Turim e Londres saem em busca do Santo Graal que é a notável obra de Benno von Archimboldi, também estrangeiro, que os tinha enfeitado pela fascinante visão de México que apreende. Carismático e furtivo, Archimboldi que é, entre outros possíveis, mutação do romancista alemão B. Traven (1882–1969), de misteriosa e fascinante biografia mexicana e autor de *O tesouro da Sierra Madre*, filmado por John Huston em 1948. São esses os caminhos do “novo cosmopolitismo literário”.

Termino a entrevista refazendo a pergunta que é título de um dos seus ensaios, de “Para que escrever literatura”, eu lhe pergunto: “Para que escrever sobre literatura?”

É bom que o ventríloquo fale através da própria boca e também com a boca do boneco, a que ele dá voz. Com a sua voz, o ventríloquo constrói sua obra. Pela boca do boneco ele discorre sobre o que o “comoveu” e o “deleitou”, sobre o que lhe “foi ensinado” pelos outros – para retomar os três princípios da poética medieval. Não se escreve literatura sem escrever sobre literatura.



Raimundo CARRERO

A leve neve de Joyce cria suave ação interna

Escritor inventou o ritmo com aliterações em movimento inicial de sua grande obra

Para um escritor convencional, uma festa é apenas o desfile de pessoas alegres e curiosas, mesmo quando cumprem um rito, por assim dizer, social. Para um escritor genial, porém, é o momento para avaliar o comportamento humano em todas as suas dimensões, investindo na linguagem, no tempo psicológico e no ritmo narrativo. Algo completamente revolucionário, mesmo com uma aparência comum.

É o caso do conto *Os mortos*, de James Joyce, agora publicado pela Penguin/Companhia das Letras, com primorosa tradução de Caetano Galindo, que assina também a apresentação. Antes, conhecíamos a tradução de Hamilton Trevisan, de 1970, para a edição da *Civilização Brasileira*, encerrando o volume de contos *Dublinenses*, considerado por Ênio Silveira como um “microcosmo e painel, porta de acesso por que se penetrará no universo joyciano, universo de luz e sombra, de calor humano e de fria, de quase insuportável lucidez.” É Claro que Ênio tinha – ou tem – razão. Não só pelo aspecto humano, cuja penetração é sempre emocionante e consistente – mas até pelo uso inaugural de técnicas que se tornariam mais fortes e firmes, sutis e trabalhadas ao longo do tempo.

É verdade que há os pequenos e breves conflitos das traduções, bastando citar, por exemplo, os detalhes do parágrafo final do conto em Trevisan e em Galindo. Parece-nos que Galindo aproxima-se mais da verdade do texto de Joyce ao trazer as aliterações que celebram o sentimento, a sensação e a suavidade da neve caindo a musicalidade.

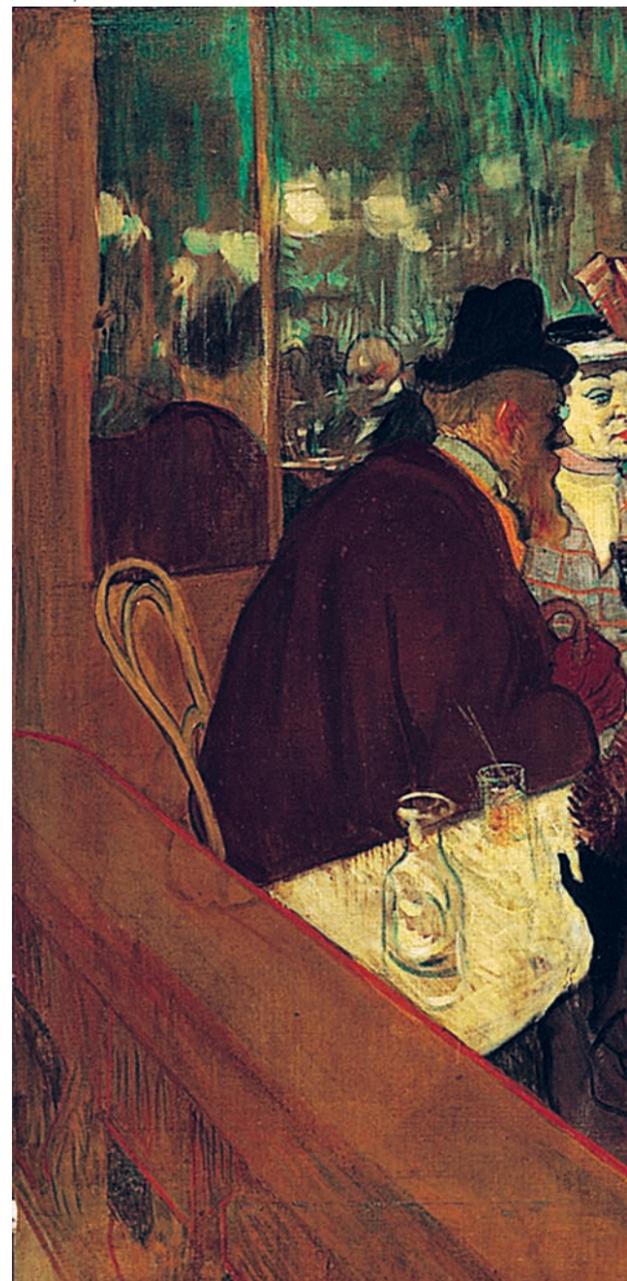
Assim traduz Trevisan: “Sua alma desmaiava lentamente, enquanto ele ouvia a neve a cair suave através do universo, cair brandamente – como se lhes descesse a hora final – sobre todos os vivos e todos os mortos”.

Correto? Sim, correto. Um belo e comovente texto. Mas Galindo compreende melhor o jogo linguístico de Joyce e substitui a palavra suave pela legítima sensação de suavidade através da aliteração e da frase, música pura. Cria mesmo a sensação de que a neve cai até no personagem e se derrama na cabeça, nos ombros e no peito do sobretudo.

Assim: “Desmaiava-lhe a alma enquanto ouvia no universo a neve leve que caía e que caía, leve neve, como pouso de seu fim definitivo, sobre todos os vivos e todos os mortos”.

A frase é completamente refeita, além de colocar a próxima frase como reforço de linguagem, dentro de travessões e não de vírgulas – para destacar o sentimento de morte do personagem, depois do desmaio da alma de forma direta – desmaiava-lhe a alma lentamente – e não indiretamente por causa do ambíguo pronome sua, como está em Trevisan – “Sua alma desmaiava lentamente”. Reparem que o sua é ambígua porque dá a sensação de falar com o leitor e do personagem. E, mais na frente, retira a palavra todos de ‘todos os mortos’

DIVULGAÇÃO



para continuar com suavidade. Vejamos como fica a tradução de Galindo: “Desmaiava-lhe a alma lentamente enquanto ouvia no universo a neve leve que caía e que caía leve neve, como o pouso de seu fim definitivo, sobre todos os vivos e mortos.”

Observem bem o jogo das frases em Galindo – a neve leve que caía e que caía a leve neve – e retira o advérbio brandamente que, por natureza, é um advérbio agressivo, visual e ritmicamente. A frase assim ganha mais suavidade, e se aproxima mesmo da técnica de Joyce.

Assim pode-se perceber, com clareza, a introdução ao universo joyciano, que Trevisan – sempre

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

INTRIGA

Romance de Adriano Portela é uma mistura de policial com folhetim, girando em torno de paixões e crimes

No romance *A última volta do ponteiro* (Edição do Autor), o jornalista, cineasta, professor e produtor cultural Adriano Portela (foto) cria uma trama dinâmica e cheia de reviravoltas, passada no Recife, em Ouro Preto (Minas Gerais) e em Florença, na Itália. O tempo da narrativa também vai do presente ao passado e inclui referência a poetas pernambucanos e mineiros, bem como a pintores italianos.

Uma peça de teatro dentro do romance completa o quadro de multiplicação dos espelhos que estrutura a narrativa. Narrativa esta que, girando em torno de um crime, inclui prostitutas e atrizes, intrigas e mentiras, traições e revelações surpreendentes. Escrito numa linguagem simples e direta, e com todos estes ingredientes, tem tudo para cair no gosto popular e virar filme.

DIVULGAÇÃO

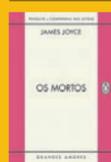




um tradutor criterioso e atento – preferiu linear e, por assim dizer, burocrático. Não está errado, apenas optou por outro caminho. O ideal é que tivéssemos aqui o texto original, mas como não é possível, pelo menos, neste momento – consideramos a tradução de Galindo mais exata porque expõe o universo consagrado de Joyce, na forma conhecida por todos nós, tanto no original quanto em português. De forma que já em *Dublinenses* podemos encontrar os elementos que seriam largamente aplicados no *Ulisses* e, mais tarde, esgotados no *Finnegans Wake*, onde o irlandês zomba da literatura tradicional, entre outras coisas. Mesmo assim,

é preciso destacar que as experiências de Joyce começa em *Os mortos*, que os brasileiros conhecem agora em tradução exemplar.

O LIVRO



Os mortos
Editora Penguin & Companhia das Letras
Páginas 136
Preço R\$ 19,90

FUTEBOL

Narrativa mostra jovens que têm de provar competência

Aproveitando o clima futebolístico que é uma das dominantes do país no momento, a Editora Biruta lança o romance infantojuvenil *As quatro linhas – A hora da virada*, de Denis Winston Brum, ilustrado por Daniel Argento. Conta a história de um grupo de jovens que, cansados de serem desconsiderados, resolvem provar a todo custo que são bons de bola e calar de vez os antagonistas.

POESIA

Coletânea lançada pela Universidade de Minas Gerais dá uma panorâmica na produção poética de Libério Neves

A Editora UFMG acaba de lançar a antologia poética *Papel passado*, de Libério Neves, reunindo poemas de oito livros publicados mais três inéditos: *Longe, a terra*; *Elegiário do vento* e *Lira madura*. Goiano radicado em Minas Gerais, Libério oscila do simbolismo ao concretismo mas sempre, segundo Fabrício Marques, que assina o texto de apresentação do livro, sendo sobretudo “um gentleman do

verso: há uma classe, uma elegância que ele empresta ao que é dito e no como é dito, promovendo algo assim como um encantamento das palavras”. Poeta na primeira pessoa, Libério Neves explora o ser nas múltiplas nuances do humano, sempre com refinamento. Como ele diz: “sou mudo e sou vós/ em uma voz que passa/ e falo de ser pois/em cinza e brasa”.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. As páginas deverão ser numeradas.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

Secretaria
da Casa Civil



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

CAPA

Fieís ou ateus, mas ainda “freyrianos”

Três pesquisadores contam como “armaram” os seus próprios “Gilbertos Freyre”

Paulo Carvalho

Gilberto Freyre (1900-1987) jamais foi um cânone sem reparos. As interpretações de seu pensamento nos conduzem a uma espécie de unanimidade às avessas: seus textos permanecem ambíguos, irresolutos, ainda desafiadores para os fieis e ateus dele mesmo. *Casa-grande & senzala*, seu maior trabalho, completa 80 anos representando esse esforço admirável, sem comparações no pensamento social brasileiro. Tudo é amplo em *Casa-grande*, inovador, vário. Como afirma Maria Lúcia Pallares-Burke, uma das suas estudiosas mais influentes, antes de Freyre, jamais a história do patriarcado havia sido atravessada por tantas outras histórias. A história da infância, a história das mulheres, a história do corpo (em especial dos corpos dos escravos e do corpo feminino), a história da cultura material, da comida, dos vestuários, das habitações. Além de tudo, observadas tanto por seu lado funcional quanto simbólico e investigadas em fontes heterodóxicas, como papéis de família, ficção, imagens, folclore, entrevistas, questionários, literatura de viagem, anúncios de jornal e, claro, obras científicas.

Freyre borrou limites, recriou métodos e enunciou tudo com mais estilo do que qualquer outro pensador brasileiro até hoje conseguiu fazer. O texto a seguir buscou três diferentes formas da paixão por Freyre, a partir da visão de alguns dos seus pesquisadores mais influentes ou, igualmente, controversos.

Pallares-Burke é professora aposentada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e atualmente trabalha como pesquisadora associada do Centre of Latin American Studies, da Universidade de Cambridge. Seus trabalhos *Gilberto Freyre – um vitoriano nos trópicos* (2005), *Gilberto Freyre: social theory in the tropics* (2008), (traduzido como *Repensando os trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre* e escrito em parceria com o marido, o historiador inglês Peter Burke) e o recente *O triunfo do fracasso – Rüdiger Bilden, o amigo esquecido de Gilberto Freyre* (2012) formam um roteiro indispensável para os estudos contemporâneos do pernambucano.

“Em nosso *Social theory*, Peter e eu falamos que *Casa-grande & senzala* segue o modelo literário da ‘tragicomédia’, (usando a ideia de Hayden White). Tragicomédia porque sua narrativa conta uma história de conflito e sofrimento que produz um resultado *relativamente* harmonioso. Sim, pois um tema central de *Casa Grande & Senzala* é a maneira pela qual as ações violentas dos colonizadores e dos senhores do engenho – que incluíam sadismo e masoquismo e tornam plausível que tenha havido estupro de indígenas e africanas – levaram à miscigenação que resultaria, por sua vez, em uma situação de *relativa* harmonia racial”, defende a pesquisadora em entrevista ao **Pernambuco**.

Pallares-Burke diz que o contato com a obra de Freyre começou tardiamente, muitos anos após ter terminado seus estudos universitários no final dos anos 1960. Àquela época, levados por questões ideológicas, muitos como ela não se interessavam por ler um autor comprometido, segundo se sabia, com a ditadura.

“Penso que meu caminho para chegar a Freyre foi pouco convencional. Era o início do anos 1980 e eu fazia o meu doutorado sobre o papel formativo de um jornal cultural inglês do início do século 18, *The Spectator*. Esse diário publicado em Londres entre 1711 e 1712, de autoria de Richard Steele and Joseph Addison, fora um fenômeno jornalístico. Depois de retornar da Inglaterra, onde fiz a pesquisa para meu doutorado, soube, por uma amiga, da existência da obra de Freyre de 1948, *Ingleses no Brasil*, livro que me descortinou dimensões insuspeitas sobre a influência da cultura britânica no

ethos brasileiro. (Como um parêntese, devo dizer que depois de anos e anos de tentativas frustradas, eu e Peter Burke conseguimos convencer a Embaixada do Brasil em Londres a patrocinar a tradução dessa obra para o inglês. Publicada em 2010, por ocasião da Festa Literária Internacional de Paraty, pode-se dizer que uma grande etapa foi ultrapassada com essa tradução tardia, mas talvez outra etapa igualmente difícil seja conseguir atrair a atenção dos leitores estrangeiros para ela)”, explica Pallares-Burke.

A autora afirma que tomou o livro de Freyre sobre os ingleses com o maior interesse e surpresa. Se entusiasmava pelo modo como o pernambucano trazia à luz o papel dos “marias-borracheiras” britânicos na história do Brasil e pela forma inovadora como ele tratava o processo de interpenetração de culturas, abrindo espaço para que houvesse muito mais do que a imposição de uma cultura mais rica e poderosa sobre outra mais fraca e subalterna. Àquela altura, também estava descobrindo pensadores alemães e franceses – Gadamer, Jauss e De Certeau – que, descreditando a ideia de que haveria uma identidade entre o “transmitido” e o “recebido”, reconheciam que a recepção de ideias, valores e tradições não era algo passivo e consumista, mas envolvia produção e criatividade – apropriações ativas e criativas que implicavam adaptações conscientes ou inconscientes a um novo contexto. Freyre apontava o *Spectator* como um dos agentes da cultura britânica no Brasil do século 19.

Quando decidiu escrever sobre Freyre, se deteve com atenção e especial em seus comentadores. Já tinha contato com *Ideologia da cultura brasileira*, de Carlos Guilherme Mota, e com o jurista Gláucio Veiga, “o mais terrível anti-Gilberto do mundo inteiro”, como o próprio Freyre certa vez observou. Leria Ricardo Benzaquen de Araújo, Evaldo Cabral de Mello, Antonio Candido, Luiz Costa Lima, Alberto da Costa e Silva, Roberto DaMatta, Marcos Chor Maio, Edson Nery da Fonseca, Fátima Quintas, Darcy Ribeiro, Elide Rugai Bastos, Ronald Vainfas e Fernando Henrique Cardoso.

Alguns dos trechos que mais a surpreenderam quando leu *Casa-Grande* pela primeira vez foram os que Freyre tratava do português moderno, ou seja, do português após o século 16 – deixando claro que as tão faladas plasticidade e adaptabilidade desse povo, um tema de Freyre que muitas interpretações enfatizam, já haviam desaparecido há muito tempo, para no seu lugar deixar um povo “com pretensões de grandeza”, vivendo de glórias passadas, fingindo ser o que não é. Freyre chega a falar de Portugal como um país que fica “na ponta dos pés”, querendo se equiparar às nações europeias.

“Ou seja, a obra de Freyre oferece ao leitor uma história complexa sobre consequências involuntárias, e não, como muitos o criticaram, a simples história de bons colonizadores criando um país invejável. A tendência à fraternidade que Freyre vê no Brasil não faz com que ele exclua de sua narrativa a existência de conflitos, ‘de choques de cultura’, de ‘explosões de ódio racial’, ou ‘terremotos culturais’, de ‘sadismo’ e outras manifestações de antagonismos não equilibrados. Mas, apesar disso, é também verdade, no entanto, que o elogio da miscigenação chega por vezes perigosamente próximo da afirmação de superioridade racial, o que levou certos críticos a dizer, como disse um deles, que Freyre defendia um ‘novo racismo: o racismo mulato’”, explica a autora.

Seu estudo mais recente, sobre o esquecido e aparentemente fracassado Rüdiger Bilden, amplia o qua-

FOTO: ACERVO FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE | DESIGN: JANIO SANTOS



CAPA

dro no qual Freyre se insere e pode contribuir para a compreensão de sua trajetória. Pallares-Burke afirma que apontando as ideias de Bilden que Freyre retoma e amplia, não pretende negar sua originalidade, mas tentar definir essa originalidade com maior precisão.

“Milhares de Bildens vivem e morrem esquecidos, seus sucessos escondidos atrás de uma aparência de fracasso. Recuperá-los pode revelar não só um elo esquecido na cadeia de descobertas e inovações, mas também os labirintos da vida intelectual e os *insights* valiosos que eles podem ter tido e que, com eles, se perderam.”

Ricardo Benzaquen de Araújo, 61 anos, formado em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, é autor de outro estudo de referência sobre Freyre. *Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*, cuja primeira edição saiu em 1994 e a segunda, de 2005, encontra-se esgotada. Atuando com professor no departamento onde se graduou, Benzaquen de Araújo afirma que teve duas leituras iniciais de Freyre. A primeira quando estava entrando na universidade, entre 1971 e 1972. Segundo ele, uma leitura por um lado superficial e por outro marcada por preconceitos e pela estranheza causada pelo estilo gilbertiano.

“O texto de Gilberto Freyre é muito peculiar, redigido de maneira incomum levando-se em conta a linguagem das Ciências Sociais ou a Historiografia mais praticada na época. A leitura, veja, foi indicada pela disciplina de Brasil I, dada por um amigo que já tinha sido meu colega no ensino clássico, professor Ilmar Rohloff de Mattos – autor de *O Tempo Saquarema*, sobre a história política do Brasil do Século 19. A imagem que se tinha de Freyre na época em que li *Casa-grande & senzala* era a de uma espécie de sociólogo oficial, ligado ao governo, à ditadura militar, como se dizia na época, um ‘sociólogo da Arena’”, lembra.

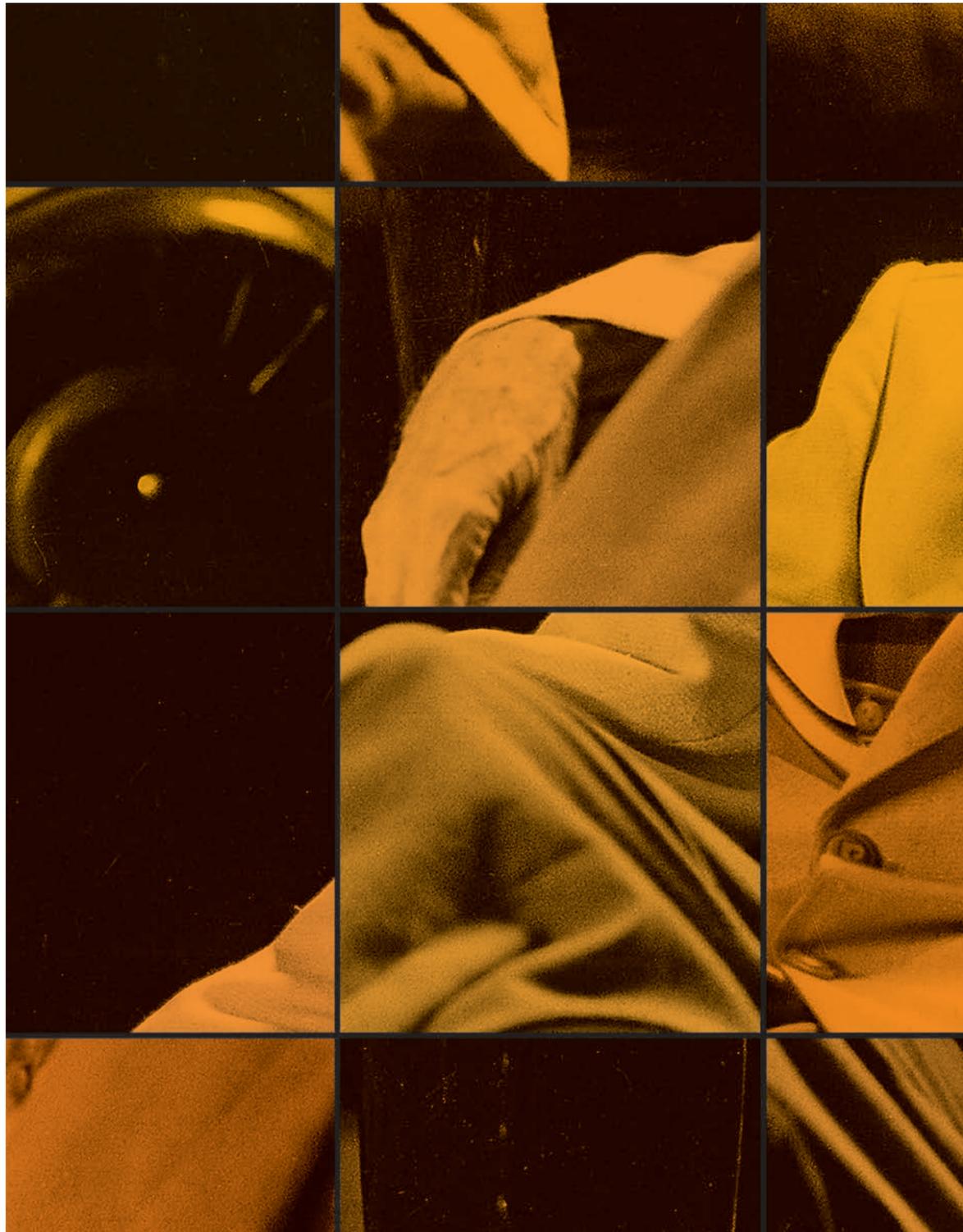
Já o segundo contato com Freyre permitiu uma leitura mais diversa. Foi quando fez uma apresentação sobre futebol, no Museu Nacional, e ao mesmo tempo começou a trabalhar numa pesquisa na Fundação Getúlio Vargas. Lá desenvolveu uma investigação sobre Plínio Salgado, junto a um grupo de pesquisa coordenado pela professora Lúcia Lippi de Oliveira. Benzaquen de Araújo publicaria um pequeno livro sobre Plínio Salgado e começaria, nesse contexto, a ler sobre relação entre modernismo e ciências sociais.

“Daí me interessei por Gilberto Freyre, assim como por Sérgio Buarque de Holanda. Mas, como conhecia muito mais profundamente Sérgio do que Gilberto, fiquei curioso de voltar a ele depois daquela experiência do começo dos anos 1970. Havia uma série pequenos trabalhos, ou de autores que o louvavam, ou de autores que retomavam a visão crítica muito dura que sempre se teve no contexto da esquerda. Era muito polarizado. Mas não lembro de ter encontrado nenhum grande estudo, monográfico, minucioso, mais acadêmico, sobre ele. A verdade é que no início dos anos 1980 tínhamos muito pouco contato com os estudos produzidos sobre Freyre e publicados pela Massangana, editora da Fundação Joaquim Nabuco”, explica o pesquisador.

Gilberto Freyre se definia como antropólogo, sociólogo, historiador. “Na época, em particular, eu tinha muito interesse nessa visão interdisciplinar. Isso era compatível com o que o Gilberto fazia, muito influenciado, aliás, pelo Franz Boas. Interessado em Antropologia, em especial a antropologia cultural norte-americana, assim como pela sociologia e pela História. Com um certo vínculo com os debates em torno do movimento modernista internacional e não necessariamente paulista. Lembro que ele tinha sido um leitor de James Joyce e da vanguarda norte-americana: Amy Lowell, Vachel Lindsay. Então pensei que seria interessante. Tinha uma hipótese que era examinar essa relação entre as ciências sociais e o modernismo. A partir do momento que comecei a lê-lo com mais cuidado, primeiro me dei conta que talvez valesse a pena me concentrar nos anos 1930, nos textos chamados clássicos. *Casa-grande & senzala*, *Sobrados e mucambos*, *Nordeste*”.

Atraía Benzaquen uma definição do conceito de sociedade muito mais plástico, muito mais fragmentário do que se trabalhava habitualmente. O pesquisador conta que leu quatro vezes *Casa-grande* e quando estava quase desistindo, resolveu insistir em um ponto: havia em Freyre um conceito de sociedade que implicava ambiguidade, hibridismo, algo que diferenciava de certa visão praticada pelo modernismo paulista, em

FOTO: ARQUIVO REVISTA CONTINENTE | DESIGN: JANIO SANTOS



particular da associada a Mário de Andrade. “Este lidava com um nacionalismo muito duro, muito mais bem definido do que em Gilberto Freyre”, avalia Benzaquen.

“Hibridismo, mestiçagem, muitas condições diferentes convivendo ao mesmo tempo. Daí percebi que ele mesmo tinha consciência disso e recorria a ideia de ‘antagonismos em equilíbrio’. Chamar atenção que não só a sociedade mas a própria língua portuguesa no Brasil se convertia nesse ser, digamos, composto. Formado por distintas influências que não se fundiam dando origem a um ser mais definido. Não se tratava de uma espécie de síntese, mas ao contrário. As marcas de origem se mantinham por mais distintas que ela fossem”, explica.

Além dessa polifonia, lembra ainda o pesquisador, existia o fato de que tudo era atravessado por excessos: paixões. Culturas muito diferentes, coexistentes, e afirmadas com muita intensidade. O que tornava a sociedade brasileira ainda mais eferescente.

“Outra categoria importante em Gilberto é a de ‘requisiteiro’. Que se refere a alguns personagens do século 19 ou mesmo a membros da elite recifense. Todos marcados por um tipo peculiar de excesso que é justamente o oposto do que havia no período colonial. É o excesso de ordem. Espécie de desbotamento do mundo. Importante lembrar que, não por acaso, ele escreve como quem fala – e é uma fala na qual combinam-se diferentes contribuições. Tanto africanas, como europeias. O que produz um texto muito peculiar, marcado por certa falta de rigor, idas e vindas, um tom de conversa. Espécie de bate-papo, bate-bola, zigue-zague, enfim, o que caracteriza o ensaísmo de Gilberto. A minha sensação é que essa escrita tem a ver com o próprio fato que ele escreve contra esse Brasil ‘sobrados e mucambos’, que ele

analisa no título. Não se trata de reacionarismo, de proposta de retornar ao estilo da colônia. Ele não era ingênuo, sabia muito bem que seria um argumento completamente absurdo. Mas com os meios que estão ao seu alcance talvez interessasse a retomada de parte daquela variedade, diferenciação, ambiguidade que ele havia identificado na colônia. Mesmo insistindo no fato que ali se convivia com a escravidão, com a crueldade, longe da escravidão risonha, simpática, uma relação amorosa”, pontua o pesquisador.

Ainda segundo Benzaquen, para Freyre, é como se ao longo do século 19 se mantivesse o pior do período colonial – a escravidão, com o afastamento entre os senhores e escravos através do excesso de ordem, através do requinte. Trata-se de outro tipo de escravidão. Freyre se esforçaria, então, em fazer com que certas medidas fossem tomadas para que parte dessa experiência variada e intensa que ele identifica no período colonial pudesse retornar. O tom marcado pela oralidade faria parte desse esforço.

Silvia Cortez Silva, 76 anos, talvez seja a autora da pesquisa mais controversa sobre Freyre, realizada no Doutorado em História Social da Universidade de São Paulo, sob orientação de Maria Luiza Tucci Carneiro. Em 2010, quando publicou o texto da tese, *Tempos de casa-grande (1930-1940)*, conta que encontrou grande resistência entre os colegas na Universidade Federal de Pernambuco e demais estudiosos de Freyre do Recife. “O silêncio muitas vezes é pior que uma discussão”, lamenta.

Cortez Silvia compara Freyre com Erasmo de Rotterdam, segundo ela, o primeiro escritor “marqueteiro”. “Erasmo promove uma política para ser conhecido. Os Países Baixos na sua época não tinha qualquer expressão, e o que é que ele fazia? Trocava



figurinhas com pessoas conhecidas, como Thomas Morus, que estava na Inglaterra. Quando alguma correspondência chegava, ele corria para tentar publicar nos jornais. Erasmo tinha amigos que o louvavam ou criticavam, mas era tudo combinado. Isso dá certinho no perfil de Gilberto Freyre que se autopromoveu o tempo inteiro. Tinha até cuidado para não aparecer mal numa fotografia. Chegou a encrencar com o pessoal da *Ensaios universitários*, publicada pela editora da UFPE, porque foi publicada uma foto em que não estava bem. Afirmou que a turma estava fazendo aquilo de propósito”, revela a professora.

Mas como se aproximou de Freyre? Conta que sob a orientação de Maria Luiza Tucci Carneiro passou a estudar os teóricos do antissemitismo e do racismo. Apresentou trabalhos, passou por uma longa bibliografia. A orientadora, então, sugeriu que investigasse o antissemitismo que está em *Casa-grande & senzala*.

“Eu estava com os óculos da teoria e comecei a reler Freyre, tanto observando seu próprio discurso como suas citações. Por exemplo, ele cita o maior antissemita português, João Lúcio de Azevedo, a quem se refere como ‘adorável velhinho’. Uma figura cultuada”, explica Cortez Silva.

Segundo a pesquisadora, Freyre é protegido por um séquito que repudia críticas e silencia visões pouco entusiastas do pernambucano. “Elias Canetti é que dá uma definição espetacular sobre o ‘coro’: ‘o famoso adora o coro. Aqueles que falam seu nome em vida e incessantemente depois de morto’. No caso, é o que eu chamo de coro gilbertiano, cujo corifeu, o chefe, é o professor Edson Nery da Fonseca, ‘o maior gilbertólogo vivo’”.

Cortez Silva conta que não esperava nenhum tipo de repercussão da pesquisa. “Só que, quando fui realizar

Silvia Cortez Silva conta que foi perseguida por criticar Freyre e acabou se sentindo isolada intelectualmente

a defesa, foi ao hotel onde eu estava hospedada um repórter da Folha de São Paulo e fez uma entrevista sobre meu trabalho. Na sala da defesa, estavam minha família e um rapaz bem jovem. Era o tal repórter. Mauricio Stycer. Quando foi no dia 19 de novembro um colega me ligou e disse ‘se prepare que a Ilustrada está circulando com você lá: ‘Pesquisadora pernambucana descobre lado obscuro da obra de Gilberto Freyre’. Dentro havia matérias enormes, de Ricardo Benzaquen de Araújo e de outro pesquisador. Mas nenhum deles teve acesso ao meu texto e falavam coisas gerais. Minha mãe era viva e se apavorou: ‘minha filha eu dizia tanto a você, não escreva nada contra esse homem. Mas você é parecida com seu pai, gosta de se meter em confusão’. Aí meu filho dizia: ‘vovó, a única coisa

que você pode fazer é rezar pra não jogarem mamãe no Açude de Apipucos”, lembra a pesquisadora.

“Mas não queira saber como foi a reação na UFPE”, conta ainda. “Colegas faziam que não me conheciam. Trataram-me como leprosa. Além dos amigos mais íntimos, a única manifestação de apoio que recebi foi de alunos de DCE que colaram um recorte da matéria no mural e foram até a minha sala conversar comigo. O que doeu mais foi o silêncio”.

Silvia Cortez Silva lembra que Maria Lúcia Pallares-Burke escreve que Freyre era simpatizante da Klu Klux Klan. “Quando voltou dos Estados Unidos ele pensou que seria útil uma KKK por aqui em Pernambuco. Bem, se você acha que não tem nenhum envolvimento com a história, você não precisa fazer exame de DNA para provar que você tem sangue judeu. O neto de Freyre fez. Provou que era. Mas o fato de se provar que era judeu de forma alguma libera você do fato de ser antissemita”.

Ainda sobre a recepção de seu livro, Silvia Cortez afirma que Edson Nery escreveu dois artigos. Num deles, ele a chama de “a professorinha pernambucana”. Depois, o professor César Leal, falecido recentemente, escreveu um artigo dizendo que os professores iam fazer doutorado na USP para ganhar uns trocados e afirmando que a banca havia sido conivente com sua tese. “Então tentei ter resposta no *Diário de Pernambuco* e nunca consegui”, revela.

A pesquisadora permanece firme na visão negativa que encontrou de Freyre: “Quando ele não é o autor ele é o arauto de pessoas ligadas ao antissemitismo e ao racismo. Nestes temas, ele nunca é muito enfático. Usa termos como ‘talvez’, ‘quem sabe’. Mas ele claramente escolhe o negro mais eugênico. Diz que o negro eugênico gerará filhos eugênicos”.

CAPA

A casa-grande, a senzala e os seus senões

Lançado em dezembro de 1933, o clássico de Freyre incendiou várias polêmicas

Anco Márcio Tenório Vieira

“É um livro esse que o doutor Goebbels mandaria, certamente, queimar no meio da rua, deambulada com as obras de Ludwig, de Thomas Mann, de Remarque e de todos os grandes heresiarcas do nacional-socialismo”. Foi assim, de modo provocativo, que Zeno, pseudônimo de Aníbal Fernandes, saudou, em 6 de fevereiro de 1934, o lançamento de *Casa-grande & senzala*, no jornal *O Estado* (Recife). A obra de Freyre saíra em dezembro de 1933 e a noite das fogueiras, aludida pelo jornalista, acontecera em 10 de maio daquele mesmo ano. Fora promovida pelo ministro da Propaganda Nazista, Joseph Goebbels, quatro meses depois que Hitler chegara ao poder (30 de janeiro de 1933).

As palavras de Aníbal Fernandes explicitavam os motivos que levariam Goebbels a queimar o livro de Freyre: a eugenia, que vinha pautando a ciência desde a segunda metade do século 19, se tornara, agora, política de Estado na Alemanha nazista. *Casa-grande & senzala* caminhava no sentido inverso: exaltava a miscigenação como a grande contribuição da sociedade brasileira para a civilização moderna. No dizer de Evaldo Cabral de Mello, Freyre transformou “a miscigenação de hipoteca em lucro”. Foi o seu “ovo de Colombo”. Aníbal Fernandes foi também profético sobre qual destino caberia ao livro, caso o Brasil caísse nas mãos dos nazistas. Em Pernambuco, fascistas congregados em torno das revistas *Fronteiras* (fundada em 1932, de orientação católica, e que reivindicava “para si o direito supremo de ser intolerante; mesmo que corra o risco de ser intolerável”) e *Tradição* (criada em 1937, de direção monarquista e reacionária) condenaram a obra de Freyre e tentaram promover um auto-de-fé. Neste, exemplares do livro seriam queimados e, com eles, por sugestão do pintor Vicente do Rego Monteiro (editor de *Fronteiras* a partir de dezembro de 1935), o seu próprio autor.

Talvez por ser uma obra “sempre assentada na melhor documentação”, como observaria décadas depois Darcy Ribeiro, ou pela impressionante capacidade de Freyre alinhar uma imensa gama de informações e extrair delas análises e interpretações extremamente sofisticadas, o fato é que as teses contra as teorias eugênicas defendidas em *Casa-grande & senzala* promoveram o ódio dos fascistas tupiniquins. Acrescentem-se ainda, como um tempero a mais, as suas análises e interpretações materialistas da formação brasileira e, por decorrência, a relativização dos valores espirituais e morais. Um bom exemplo dessas críticas é o que Miguel Reale, um dos ideólogos da Ação Integralista Brasileira (AIB), publicou no jornal *Ação* (São Paulo), órgão da AIB, em 16 de outubro de 1936. Neste, dois reparos “essenciais” ao livro de Freyre. Um, a sua falta de “um conhecimento direto do Brasil meridional”. Outro, por ele escrever “sob a influência de uma filosofia naturalista e mesmo materialista, filosofia claudicante e medíocre, sobretudo porque se esconde sob o manto protetor do mais pretensioso dos ‘cientificismos’”. No caso, a antropologia e a sociologia.

Além desses *senões* à abordagem materialista, à valorização da miscigenação, ao relativismo moral e religioso, e também, como notou Cid Rebelo Horta, na *Folha de Minas*, em 2 de setembro de 1943, à onda de “afromania” surgida no Brasil depois da publicação de *Casa-grande & senzala*, vemos outros *senões* pontuarem a fortuna crítica do livro nos anos 1930 e 1940. A particularidade desses *senões* é que eles se encontram em artigos favoráveis a Freyre. São restrições a determinados pontos da obra; restrições que, com o passar dos anos, foram, pouco a pouco, sendo vistas como pontos positivos, como pioneirismos no campo das ciências sociais e humanas.

Vejamos três exemplos desses *senões*: quanto à língua, ao método e ao título.

Em artigo de 28 de janeiro de 1934, em *O Jornal* (Rio de Janeiro), Agripino Grieco faz ressalvas aos “termos crus” encontrados em *Casa-grande & senzala*, termos que “aranham ouvidos castos, e, a rigor, seria bem melhor que não viesse”. Duas semanas depois, em 15 de fevereiro, no mesmo periódico, Afonso Arinos de Melo Franco reitera a tese de Grieco e defende que a “linguagem” do livro de Freyre dispensaria os termos chulos, impuros e anedóticos: “devia ter um pouco mais de dignidade”. Ainda na mesma linha de raciocínio, vemos, no *Boletim de Ariel* (dez. de 1934), V. de Miranda Reis criticar as palavras “chulas” empregadas por Freyre e o fato dele querer trazer para a escrita a forma da linguagem falada, aderindo “à tolice de



alguns gramáticos, logo aproveitada e explorada pelos que não sabem escrever”.

Ainda no mesmo artigo de *O Jornal*, Afonso Arinos de Melo Franco faz restrição a um aspecto metodológico de *Casa-grande & senzala*: a ausência de conclusão – “ao livro de Gilberto faltam dois ou três capítulos finais de síntese sociológica e de conclusões políticas”. Sua crítica corroborava a sentença dada por João Ribeiro, no *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), em 31 de janeiro de 1934. Nesta, o crítico sergipano dizia que Freyre era um autor que não sabia acabar, que “as paredes [da sua obra] esboçam uma cúpula que não existe. Convergem para a abóbada que fica incompleta e imaginária”.

Por fim, fechando o ciclo dos *senões*, Roquette-Pinto, no *Boletim de Ariel* (fev. de 1934), afirma que não gostara do título *Casa-grande & senzala*, mesmo a considerando uma obra que nascera clássica. O título lhe dava a impressão de que as interpenetrações cultural e racial no Brasil tinham se dado entre a casa-grande e a senzala, quando, para ele, tais interpenetrações se deram entre os brancos da casa-grande e os negros que nela serviam.

Mesmo em um País que sempre foi afeito às modas intelectuais, como é o Brasil, onde ideias frescas provocam entusiasmos na mesma intensidade com que serão, em futuro próximo, substituídas por outras novidades clamorosas, a chave para se ler o novo ainda se fiava (se fia) em um modelo intelectual assentado. No caso brasileiro, um desses modelos, no que diz respeito ao uso da língua, era, nos anos 1930, o gosto bacharelesco pela frase redonda, pela retórica vazia, pelos *ouropéis*, pela palavra preciosa. Para o Brasil que se inscrevia nessa década – a de 1930 –, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, ainda era o maior monumento intelectual dos últimos 30 anos. Ler a obra de Freyre tomando a de Euclides como chave, revelava não apenas o abismo teórico-metodológico entre os dois livros, mas o quanto, no campo da linguagem, a obra

ARTE DE JANIO SANTOS SOBRE REPRODUÇÃO DE CÍCERO DIAS



de Freyre era o extremo oposto da de Euclides. Se a obra de Euclides era, entre os livros da sua geração, o ponto alto do purismo e da retórica aplicados a uma obra de ciência, a obra de Freyre inscreve nessa mesma ciência uma das grandes conquistas estéticas da literatura dos anos 1920: o coloquialismo. Assim, o que os seus críticos chamavam de palavras “chulas”, “impuras”, “anedóticas” e “tolice de alguns gramáticos” eram, na verdade, a inversão das regras do “bom gosto” e do “bem escrever” até então predominantes. Ao invés de continuar se subordinando às amarras de uma língua petrificada (antes do papel do que da rua), Freyre, agora, em sua busca por uma linguagem mais plástica e pedestre, sujeitava aos seus ditames a língua pátria. E a subjugava de três maneiras:

Primeiro, trazendo para *Casa-grande & senzala* o que defendera e praticara nos seus artigos de imprensa nos anos 1920 e, particularmente, no jornal *A Província* (Recife), quando assumira a sua direção, em 1928: trocar a retórica bacharelesca das redações por palavras de fácil compreensão. Assim, “pai” e “mãe” substituem, respectivamente, “genitor” e “genitora”; “morrer” no lugar de “desaparecer objetivamente”; em vez de “acamar”, “estar doente”; de “pavoroso”, “incêndio”; de “empreendedor”, “industrial”; de “honrado”, “negociante”; de “ilustre causfídico do nosso foro”, “advogado” etc.

Segundo, ao trocar a retórica bacharelesca por uma linguagem plasticamente mais próxima daquela das ruas, Freyre não hesita em dizer com todos os “ff” e “rr” que desbocados da colônia juravam “pelo ‘pen-telho da virgem’”; que cristãos-novos metiam “cru-cifixos por baixo do corpo das mulheres no momento da cópula ou deitando-se nos urinóis”; ou mesmo que “o europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão”. Não media palavras, nem se valia

As restrições iniciais ao livro foram, pouco a pouco, vistas como pontos positivos, como pioneirismo nas ciências humanas

de eufemismos, para afirmar que senhores mandavam “queimar vivas, em fornalhas de engenho, escravas prenhes, as crianças estourando ao calor das chamas”; ou que sinhás-moças “mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco”; ou ainda que baronesas “espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas”. Não só: quando vencido na batalha, o índio era amarrado pelos portugueses “à boca de peças de artilharia que, disparando, ‘semeavam a grandes distâncias os membros dilacerados’”; ou amarravam-no “a duas canoas, correndo estas, à força de remos, em direções contrárias até partir-se em dois o corpo do supliciado”.

Terceiro, o uso da língua como meio de expressar, a partir da realidade em estudo, as suas vivências

interiores. Essa valorização pelo ato de exprimir-se, Freyre foi encontrar na linguagem expressionista. Por meio dela, ele buscou ultrapassar as fronteiras entre o sujeito e o objeto de estudo.

O fato é que a linguagem expressionista em Freyre não se limita apenas ao ato de valorizar a expressão, mas, ao seu modo, termina por ser parte do seu próprio método. Se uma das características do expressionismo é uma “tendência para o hermetismo e o alogicismo, uma vez que o mundo interior é alógico e marcado por obscuridades” (Domício Proença Filho), ao tomar a decisão de nunca concluir os seus livros, Freyre estava dizendo que, diverso do que defendia o velho cientificismo dos oitocentos (o mesmo que calçara *Os sertões*: o positivismo, o evolucionismo social e o determinismo), as manifestações do humano não se reduzem a nenhuma teoria, e que nada é mais inconclusivo do que o conhecimento produzido por aqueles que tentam apreender o humano. Ao proceder dessa maneira, Freyre não só encerra a sua obra em um *work in progress*, como se afasta tanto do cientificismo quanto do que ainda existia de positivismo nos estudos etnográficos que aprendera na faculdade de antropologia. Desse modo, ele termina por relativizar tanto os estudos de campo quanto os de gabinete (as macroexplicações). Ambos, agora, serão contrapostos ou submetidos às vivências interiores e expressionais do cientista social. Estranho é observar que esse caminho trilhado por Freyre o faz um cientista muito mais próximo do nosso tempo (tempo em que se discute se a realidade é passível de ser desvelada por este ou aquele método ou teoria) do que do seu.

Por fim, e apesar de ser um título que desgostava Roquette-Pinto, *Casa-grande & senzala* terminou por se alinhar às fileiras daquelas raras obras que, pela força das teses que encerram, terminam por se transformar em adjetivos (como quixotesco, hamletiano, bovarismo, macunaímico). O livro de Freyre

DEPOIMENTO

Reginaldo Pujol Filho

MONTAGEM SOBRE FOTOS DE GLÓRIA FLÜGEL/DIVULGAÇÃO



Precisamos falar sobre o Karam

Pessoas mais qualificadas para a empreitada já escreveram sobre Manoel Carlos Karam. Ainda assim, ao saber do relançamento, pela brava Arte & Letra de Curitiba, do livro *Comendo bolacha Maria no dia de São Nunca*, eu, que era iniciante na obra karamniana (e continuo sendo), me enchi de brios, achava importante colocar minha pedrinha pra manter de pé a obra desse catarinense, curitibano por adoção, falecido em 2007, aos 60 anos. Importante por quê? Essa era uma boa pergunta.

Confesso: antes de ler *Comendo bolacha Maria*, não imaginava o porquê da missão autodelegada. Descobri Karam faz pouco, quando o jornal *Cândido* (outro curitibano, que terra de Quixotes) publicou um especial sobre o Manoel Carlos, que não é o das novelas. Tudo instigava a ler Karam, os depoimentos de Nelson de Oliveira, Marçal Aquino & cia, mas o que mais incitava era a pérola: *Ilha de Nossa Senhora Fulana de Tal e outros nomes*. Um conto do sujeito que, dizem, sairá num livro de inéditos, *Mil velas apagadas*. Oremos. Porque o conto era de um *non sense* incrível, um humor filosófico e uma simplicidade que fui ver descrita depois, justo num trecho do livro agora relançado: “Ele havia visto um inseto, um insetozinho, um insetinho, mas ele sabe como contar uma história”.

Então eu tinha lido dois contos do Karam e um pouco sobre sua vida, infinitas peças teatrais e a obra literária restrita a editoras fora do eixo. E o autor ficou pulgueando atrás da orelha. Aí, há um mês, a Arte & Letra anuncia a reedição do *Comendo Bolacha Maria* e eu salivo (não pela bolacha, pelo livro). Repito: por que eu achava importante escrever sobre ele? Talvez porque no ano que correu entre descobri-lo e o relançamento, os dois contos dele persistiram na minha cabeça. Ou porque não poucas vezes comentei que tinha um escritor que eu precisava ler mais, e meus interlocutores (muitas vezes, fuçadores de sebos) perguntavam “Quem”? Ora, como “quem”? E eu não tinha muito mais a dizer, mas tinha a vaga certeza de que era preciso falar mais e gostaria de poder fazê-lo, essa coisa de leitores, vai ver porque ler seja tão solitário, temos

mais do que tudo, pode-se dizer delirante, e eu diria: necessário. Livros e escritores que às vezes optam por dar um passinho pro lado da realidade. Movimento que começa no citado indefinível das formas. Ao não oferecer a segurança de que se lê romance, conto ou poema, nos tiram do centro, do lugarzinho de conforto na poltrona de leitor (“Fico de pé no centro da sala, e se o centro do mundo for exatamente aqui? [...] pode ser exatamente o centro do mundo, mas não é o centro da sala). Fazem pensar que talvez seja necessário esquecer do real pra vê-lo melhor e lembrar, que ele, o real e sua parceira, a verdade, são nomes e convenções. E que, com tanta realidade ao vivo o tempo todo 24 horas por segundo, como são os dias que correm no ritmo do minuto a minuto e do próximo *tweet*, o melhor lugar pra razão, onde a cabeça descansa e pensa, pode ser o desvario, o sem sentido, o sem referente no que nos acostumamos a chamar de real. Algo que não é possível nomear, nem pegar. Que incomoda porque não tem prateleira certa. Que nos lembra de estranhar alguma coisa, já que, da guerra à miséria, tudo é tão real e normal.

Aliás, falemos um pouco sobre esse indefinível: *Comendo bolacha Maria* tem nove partes, a princípio, absurdamente diferentes entre si. De conto policial surreal a aforismos, de uma sessão que é um inventário de *plots* e minicontos a um monólogo teatral (leitura obrigatória que começa assim: “Eu sou um burro [...] Mas amador. Burro amador”), Karam fez um livro completamente descompromissado com definições literárias. Mas todas as partes têm essa mistura de lirismo e humor (numa ponte que parece óbvia entre os dois registros) e, abraçando tudo e todos, o *non sense* que, pra mim, faz todo sentido. “Aventura é assim, pelo meio um toque de pastelão para deixar a audiência acreditando que tudo no mundo continua normal, naturalista, realista, que a audiência pode continuar respirando alegremente”, diz o narrador de *Um lápis*, avisando que realidade é, quando muito, uma concessão no livro. Que bom. Isso o coloca numa prateleira afetiva minha, que dedico a Gonçalo M. Tavares na série *O bairro* ou em *O homem ou é tonto ou é mulher* (título que podia ser do Karam), contos de Woody Allen, livros de Campos de Carvalho. Traduzindo: o fino do humor filosófico-barra-poético, mas,

mais do que tudo, pode-se dizer delirante, e eu diria: necessário. Livros e escritores que às vezes optam por dar um passinho pro lado da realidade. Movimento que começa no citado indefinível das formas. Ao não oferecer a segurança de que se lê romance, conto ou poema, nos tiram do centro, do lugarzinho de conforto na poltrona de leitor (“Fico de pé no centro da sala, e se o centro do mundo for exatamente aqui? [...] pode ser exatamente o centro do mundo, mas não é o centro da sala). Fazem pensar que talvez seja necessário esquecer do real pra vê-lo melhor e lembrar, que ele, o real e sua parceira, a verdade, são nomes e convenções. E que, com tanta realidade ao vivo o tempo todo 24 horas por segundo, como são os dias que correm no ritmo do minuto a minuto e do próximo *tweet*, o melhor lugar pra razão, onde a cabeça descansa e pensa, pode ser o desvario, o sem sentido, o sem referente no que nos acostumamos a chamar de real. Algo que não é possível nomear, nem pegar. Que incomoda porque não tem prateleira certa. Que nos lembra de estranhar alguma coisa, já que, da guerra à miséria, tudo é tão real e normal.

Então eu tinha lido dois contos do Karam e um pouco sobre sua vida, infinitas peças teatrais e a obra literária restrita a editoras fora do eixo. E o autor ficou pulgueando atrás da orelha. Aí, há um mês, a Arte & Letra anuncia a reedição do *Comendo Bolacha Maria* e eu salivo (não pela bolacha, pelo livro). Repito: por que eu achava importante escrever sobre ele? Talvez porque no ano que correu entre descobri-lo e o relançamento, os dois contos dele persistiram na minha cabeça. Ou porque não poucas vezes comentei que tinha um escritor que eu precisava ler mais, e meus interlocutores (muitas vezes, fuçadores de sebos) perguntavam “Quem”? Ora, como “quem”? E eu não tinha muito mais a dizer, mas tinha a vaga certeza de que era preciso falar mais e gostaria de poder fazê-lo, essa coisa de leitores, vai ver porque ler seja tão solitário, temos

mais do que tudo, pode-se dizer delirante, e eu diria: necessário. Livros e escritores que às vezes optam por dar um passinho pro lado da realidade. Movimento que começa no citado indefinível das formas. Ao não oferecer a segurança de que se lê romance, conto ou poema, nos tiram do centro, do lugarzinho de conforto na poltrona de leitor (“Fico de pé no centro da sala, e se o centro do mundo for exatamente aqui? [...] pode ser exatamente o centro do mundo, mas não é o centro da sala). Fazem pensar que talvez seja necessário esquecer do real pra vê-lo melhor e lembrar, que ele, o real e sua parceira, a verdade, são nomes e convenções. E que, com tanta realidade ao vivo o tempo todo 24 horas por segundo, como são os dias que correm no ritmo do minuto a minuto e do próximo *tweet*, o melhor lugar pra razão, onde a cabeça descansa e pensa, pode ser o desvario, o sem sentido, o sem referente no que nos acostumamos a chamar de real. Algo que não é possível nomear, nem pegar. Que incomoda porque não tem prateleira certa. Que nos lembra de estranhar alguma coisa, já que, da guerra à miséria, tudo é tão real e normal.

Então eu tinha lido dois contos do Karam e um pouco sobre sua vida, infinitas peças teatrais e a obra literária restrita a editoras fora do eixo. E o autor ficou pulgueando atrás da orelha. Aí, há um mês, a Arte & Letra anuncia a reedição do *Comendo Bolacha Maria* e eu salivo (não pela bolacha, pelo livro). Repito: por que eu achava importante escrever sobre ele? Talvez porque no ano que correu entre descobri-lo e o relançamento, os dois contos dele persistiram na minha cabeça. Ou porque não poucas vezes comentei que tinha um escritor que eu precisava ler mais, e meus interlocutores (muitas vezes, fuçadores de sebos) perguntavam “Quem”? Ora, como “quem”? E eu não tinha muito mais a dizer, mas tinha a vaga certeza de que era preciso falar mais e gostaria de poder fazê-lo, essa coisa de leitores, vai ver porque ler seja tão solitário, temos

Saio da leitura só com duas certezas:

1: vou atrás dos outros sete livros do Karam.

2: antes achava que devia falar sobre Manoel Carlos Karam e não sabia por que. Agora já sei: pra colocarmos mais coelhinhos de pelúcia na cabeça.

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

e-mail assinaturas@revistacontinente.com.br



O MAR DE FIOTE
Mariângela Haddad

Vencedor do Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil/2011 na categoria infantil. Ilustrado pela autora, conta a história de um menino que, com pai ausente e cercado de irmãs tagarelas, não consegue se expressar.

R\$ 35,00



O DIA EM QUE OS GATOS APRENDERAM A TOCAR JAZZ
Pedro Henrique Barros

Com esta narrativa impactante o carioca Pedro Henrique Barros venceu o Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil de 2011, na categoria juvenil.

R\$ 35,00



A CASA MÁGICA
Maria Amélia de Almeida

A casa mágica, da pernambucana Maria Amélia de Almeida, veterana na literatura infantojuvenil, compartilha com as crianças de hoje as experiências de um mundo antigo.

R\$ 25,00



O FOTÓGRAFO CLÁUDIO DUBEUX
Claudia Poncioni

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

R\$ 95,00



PONTES E IDEIAS
Claudia Poncioni

O livro mostra o lado humanista do engenheiro francês que projetou obras modernizadoras no Recife do século 19, a exemplo do Teatro de Santa Isabel e do Mercado de São José.

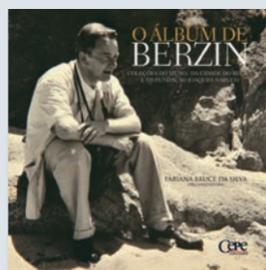
R\$ 60,00



AMARO QUINTAS: O HISTORIADOR DA LIBERDADE
Amaro Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama*. Um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de *O Historiador da Liberdade*.

R\$ 60,00



O ÁLBUM DE BERZIN
Fernando Cerqueira Lemos

Compilação do trabalho fotográfico de Alexandre Berzin, a partir dos arquivos da Fundação Joaquim Nabuco e do Museu da Cidade do Recife. O registro do fotógrafo vai desde detalhes arquitetônicos até cenas de carnaval, passando por paisagens urbanas, rurais e marinhas.

R\$ 60,00



ELUCIDÁRIO
Fernando Cerqueira Lemos

Escrito por um especialista no assunto, com cerca de 400 verbetes, em linguagem acessível e direta, além de ricamente ilustrado. Obra útil para colecionadores, leiloeiros, decoradores, arquitetos, antiquários e marchandes.

R\$ 90,00



SONETOS QUASE SIDOS
Daniel Lima

“Como serei depois de quase um ano de morto, e ainda muito mais, mortíssimo?”. Questões que nem todo mundo tem coragem de encarar, prendem a atenção do leitor nas páginas de *Sonetos quase sidos*, o novo livro do padre-poeta Daniel Lima.

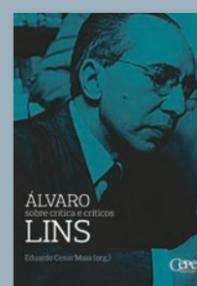
R\$ 40,00



COLEÇÃO ACERVO PERNAMBUCO

A coleção Acervo Pernambuco reúne livros inéditos, raros ou fora de catálogo, que têm importância fundamental para o Estado, o Nordeste e o País. Entre os vários autores estão Ulysses Lins de Albuquerque e Mário Melo.

R\$ 15,00 (cada)



ÁLVARO LINS: SOBRE CRÍTICA E CRÍTICOS

Organizada por Eduardo Cesar Maia, a obra é uma homenagem ao centenário do nascimento de um dos maiores críticos literários que o Brasil já teve, Alvaro Lins. O livro reúne artigos sobre crítica e críticos de sua época, selecionados dos seus livros.

R\$ 35,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

Como me tornei freira (trecho)

Minha história, a história de “como me tornei freira”, começou muito cedo na minha vida. Eu tinha acabado de fazer seis anos. O começo foi marcado por uma lembrança vívida, que posso reconstruir nos mínimos detalhes. Antes disso, não há nada: depois, tudo foi formando uma só lembrança vívida, contínua e ininterrupta, incluindo os períodos de sono, até que tomei o hábito.

Tínhamos nos mudado para Rosário. Passamos meus primeiros anos – papai, mamãe e eu – numa cidadezinha na província de Buenos Aires da qual não guardo lembrança alguma e à qual não voltei mais: Coronel Pringles. A grande cidade (era o que Rosário nos parecia, vindos de onde vínhamos) nos causou uma enorme impressão. Meu pai não demorou mais que dois dias para cumprir uma promessa que me fizera: levar-me para tomar um sorvete. Seria o meu primeiro, pois em Pringles eles não existiam. Ele, que em sua juventude havia conhecido cidades, tinha me feito mais de uma vez o elogio dessa guloseima, que recordava como deliciosa e festiva, embora não conseguisse explicar seu encanto com palavras. Tinha-a descrito, muito corretamente, como algo inimaginável para o não iniciado, e isso bastou para que o sorvete fincasse raízes na minha mente infantil e nela crescesse até tomar as dimensões de um mito.

Fomos caminhando até uma sorveteria que havíamos encontrado no dia anterior. Entramos. Ele pediu um sorvete de cinquenta centavos, de pistache, creme e de kinkan ao uísque, e para mim, um de dez centavos, de morango. A cor rosa me fascinou. Eu estava bem-disposta. Adorava meu pai. Venerava tudo o que vinha dele. Sentamos num banco na calçada, sob as árvores que havia no centro de Rosário, naquela época: plátanos. Observei como fazia papai, o qual em segundos tinha dado conta do topete de creme verde. Enchi a colherzinha com extremo cuidado e a levei à boca.

Bastou que as primeiras partículas se dissolvessem na minha língua para eu passar mal de tanto nojo. Nunca havia provado nada tão repugnante. Eu era bastante difícil com comida, e a comédia do nojo não tinha segredos para mim quando eu não queria comer; mas isto superava tudo o que já havia experimentado; meus piores exageros, incluindo os que nunca havia me permitido, estavam amplamente justificados. Por uma fração de segundo pensei em dissimular. Papai tinha tanta esperança de me fazer feliz, e isso era tão raro nele, um homem distante, violento, sem ternura aparente, que me pareceu um pecado desperdiçar a oportunidade. Passou pela minha cabeça a atroz alternativa de engolir todo o sorvete só para agradar-lhe.

Era um dedal, o menor copo, para crianças, mas agora me parecia uma tonelada.

Não sei se meu heroísmo teria chegado a tanto, mas nem sequer pude colocá-lo à prova. O primeiro bocado desenhrou no meu rosto uma careta involuntária de nojo que ele não pôde deixar de ver. Foi uma careta quase exagerada, que conjugava a reação fisiológica e seu acompanhamento psíquico de desilusão, medo e a trágica tristeza de não poder seguir papai nem mesmo neste caminho de prazeres. Teria sido insensato tentar escondê-lo; nem mesmo hoje eu conseguiria, porque essa careta não se apagou do meu rosto.

– O que é que há?

Seu tom de voz já continha tudo o que viria depois. Em circunstâncias normais, o choro teria me impedido de responder. Sempre tinha as lágrimas à flor dos olhos, como tantas crianças hipersensíveis. Mas a volta do gosto horrível, que havia descido até a minha garganta e agora retornava feito uma chicotada, me produziu um choque a seco.

– Ghhg...

– O que foi?

– É... ruim.

– É o quê?

– Ruim! – gritei, desesperada.

– Não gostou do sorvete?

Lembrei que no caminho ele tinha me dito, entre outras coisas carregadas de uma agradável espec-

tativa: “Vamos ver se você vai gostar de sorvete.” Claro que, ao dizer isso, ele dava como certo que sim, eu gostaria. Qual criança não gosta? Existem aquelas que, já adultas, lembram de sua infância como um prolongado pedido de sorvetes e pouca coisa mais. Por isso, agora, sua pergunta tinha um tom de incrédulo fatalismo, como se dissesse: “Você tinha que me decepcionar nisto também.”

Vi a indignação e o desprezo crescerem em seus olhos, mas ainda se conteve. Decidiu me dar mais uma chance.

– Tome. É gostoso – disse e, para o demonstrar, levou à boca uma colherada cheia do seu sorvete.

Já não podia retroceder. Não tinha jeito. De certa forma, eu não queria retroceder. Percebia que minha única saída àquela altura era mostrar-lhe que o que eu tinha nas mãos era nojento. Olhei para o cor-de-rosa do sorvete com horror. A comédia se aproximava da realidade. Pior: a comédia se tornava realidade, diante de mim, através de mim. Senti uma vertigem, mas não podia retroceder.

– É ruim! É uma porcaria! – quis entrar em pânico.

– É nojento!

Ele não disse nada. Olhava para o vazio diante de si e tomava o sorvete rapidamente. Eu havia errado o enfoque de novo. Mudei-o, com atônita precipitação.

– É amargo – eu disse.

– Não, é doce – respondeu, com uma suavidade contida, impregnada de ameaça.

– É amargo! – gritei.

– É doce.

– É amargo!!

Papai já tinha renunciado a toda satisfação que pudesse esperar daquele passeio, da comunhão de gostos, da camaradagem. Isso ficava para trás, e que ingênuo de sua parte – ele deveria estar pensando – ter acreditado que seria possível! No entanto, e só para afundar mais sua própria ferida, deu-se ao trabalho de me convencer do meu erro. Ou de se convencer de que eu era o seu erro.

– É um creme doce com gosto de morango, saborosíssimo.

Eu negava com a cabeça.

– Não? Então que gosto tem?

– É horrível!

– Para mim é muito gostoso – disse, tranquilamente, e engoliu outra colherada. Sua calma me assustava mais do que qualquer outra coisa. Tentei fazer as pazes por vias tortas, o que me era típico:

– Não sei como você pode gostar dessa porcaria – tentei fazer um leve tom de admiração.

– Todo mundo gosta de sorvete – disse, lívido de fúria. A máscara de paciência caía, e não sei como eu ainda não tinha começado a chorar. – Todo mundo menos você, que é um idiota.

– Não, papai! Eu juro...!

– Tome esse sorvete. – Frio, categórico. – Comprei para isso, bobalhão.

– Mas não consigo...!

– Tome. Prove-o. Você nem o provou.

Arregalando bem os olhos, por ter minha honestidade questionada (teria que ser um monstro para mentir por gosto), exclamei:

– Juro que é horrível!

– Como pode ser horrível? Prove.

– Já provei! Não consigo!

Alguna coisa lhe ocorreu, e ele voltou a um nível mais condescendente:

– Sabe o que deve ser? O frio lhe incomodou. Não o gosto, o frio. Mas você já vai se acostumar e ver como é gostoso.

Aferrei-me a essa possibilidade ardentemente. Quis acreditar nela, que não teria me ocorrido em mil anos. Mas, no fundo, sabia que não valia a pena. Não era assim. Não costumava tomar bebidas geladas (não tínhamos geladeira) mas as havia provado e sabia bem que não era o caso.

INÉDITOS

Michel Laub



A maçã envenenada (trecho)

1.

Um suicídio muda tudo o que seu autor disse, cantou ou escreveu. Para milhões de fãs do Nirvana, banda que o levou a ser chamado de porta-voz de uma geração, Kurt Cobain não é a infância em Aberdeen, o início da carreira em Seattle, o estrelato precoce que acabaria mudando a história da música com o disco *Nevermind*, nem o álcool e as drogas e a espiral de desespero acompanhada reiteradamente pela mídia, incluindo o casamento tumultuado com a cantora Courtney Love e o nascimento de sua única filha, Frances Bean. Ou é isso tudo, mas apenas como conjunto de sintomas, um espelho que aponta por meio de letras e versões desconstruídas para uma cena nunca esclarecida, Lake Washington, abril de 1994, horas ou dias antes de um electricista descobrir seu corpo com um tiro de espingarda na cabeça.

2.

Para mim, Kurt Cobain sempre será o homem que subiu ao palco do Morumbi, em 1993, para o que mais tarde chamaria de pior show da carreira do Nirvana. Na época eu morava em Porto Alegre, tinha dezoito anos e estava no quartel: a primeira guarda, as primeiras recomendações do pernoite, eu de pé numa quinta-feira em frente a um sargento gordo que falava dos cuidados com o fuzil. Ele não conseguia dizer a palavra *senha*, dizia *sanha*, e qual é o procedimento correto? Ele mesmo respondia: alto lá e pedir a *sanha*.

Eu estava no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, o CPOR, o quartel dos universitários que escaparam de limpar estrume numa unidade de cavalaria ou apanhar de sabonete na Polícia do Exército. Não fazia muita diferença: eu também me submetia às ordens do sargento gordo, e não importava que fosse chamado de aluno em vez de soldado, tivesse aulas de sociologia com um major da Guerra na Selva, assistisse a palestras sobre doenças venéreas e orçamento da União. Não importava a ditadura de 1964 a 1985, nem o *impeachment* de Collor em 1992, nem que a vida militar brasileira não despertasse mais o interesse de ninguém, menos ainda de quem morava com os pais e tinha uma guitarra e fazia parte de uma banda como eu, porque todas as manhãs era preciso estar de uniforme às sete, corneta, balde e vassoura, e o nome técnico para a retirada da hera da quadra de basquete é *cri-cri*.

3.

Acabei no CPOR porque um major amigo da família disse que meu nome estaria numa lista de dispensas do quartel de triagem. Mas ao chegar lá um cabo perguntou endereço, data de nascimento e se eu fazia faculdade. Direito. Onde? Na Federal. Eu tinha acabado o segundo semestre e fazia estágio num escritório de advocacia não muito longe dali, para onde pretendia ir depois de pegar o certificado de dispensa e fazer hora num café do mercado público. Já estava até planejado, eu já sabia até a fita que ouviria no *walkman* para comemorar, mas o cabo



procurou o nome na lista e riu e deu a resposta que todo cabo sonha dar para um estudante de camisa social e pasta de couro e fone no pescoço: então vai trancar a matrícula.

A fita era uma gravação de *Nevermind*. Nos últimos vinte anos é possível que eu tenha ouvido esse disco centenas, talvez milhares de vezes, e é como se em todas elas pudesse evocar 1993: a saída do quartel de triagem, a umidade e a sujeira do verão em Porto Alegre, o barulho dos ônibus e uma grávida que carregava um saco de lixo e era seguida por uma fila de cachorros enquanto eu olhava para o documento informando que a partir dali eu estaria sob jurisdição do Regulamento Disciplinar do Exército. Meu pelotão era o sexto, comandado pelo tenente Pires. Eram cinco colunas de seis, os mais altos à testa, os do fundo cobertos e alinhados tendo como referência a nuca do companheiro da frente. Trinta alunos, e com nenhum deles mantive contato. De nenhum eu tenho uma fotografia. Eu não sei se algum ainda vive em Porto Alegre, se teve filhos, se está vivo. Eu talvez não lembrasse de nada que aconteceu com eles além do folclore militar comum, o pelotão aprendendo a marchar, a fazer os movimentos com arma, a cantar no ritmo do passo direito enquanto a companhia desfila para o palco dos oficiais, não fosse uma história que começa com a vinda de Kurt Cobain para São Paulo.

4. Na verdade, é uma história que começa antes, na noite em que conheci Valéria. Eu estava num bar da Independência, um lugar com escada de lata e paredes de suor condensado. Ela tinha a minha idade, a mãe morreu quando ela tinha quatro anos, o pai pagava para ela o aluguel de um quarto e sala

a dois quartos dali, mas isso eu fiquei sabendo depois porque a primeira conversa foi objetiva: me disseram que você tem uma banda e está procurando uma cantora, alguém que suba lá e mande todo mundo se foder.

Eu olhei para ela: tatuagens antes de isso estar tão na moda, ela viu o meu copo e falei, gosta de vodca ruim? Sou masoquista, ela respondeu. Eu perguntei de quantas bandas ela tinha participado. Ela perguntou que tipo de música eu ouvia. Eu pedi outra dose, ela falou é nosso primeiro drinque juntos, aproveite porque pode ser o ápice, daqui para frente é um caminho sem volta, e fui reparando na boca e nos cabelos e na maneira como ela mexia os ombros e os quadris e quando me dei conta ela estava encostada em mim.

No apartamento de Valéria havia uma estante com fitas cassete, nomes de bandas desenhados em esferográfica, variações de caracteres quadrados e fontes com sombra e símbolos góticos e pontas imitando raios. Também havia um gato e um pôster de Kurt Cobain. A sala era um sofá puído e uma geladeira reformada que servia para guardar livros. Tenho gosto de velha para decoração, ela falou. Você gosta de coisa velha? Já trepou com uma pessoa mais velha? Eu tenho a sua idade, mas décadas a mais que você.

Como todo mundo nos anos 1990, Valéria cantava gritando. A banda também não era muito original, arranjos que alternavam leveza e peso, melodia e distorção, bases magras de baixo e bateria e a guitarra estourando com as três cordas graves nos refrões. Se você pegar os elementos básicos de *Nevermind*, os acordes maiores, os dedilhados e trivelas, as modulações de batidas e pausas e vocais reiterando as marteladas, tem todos os recursos das músicas

que tocamos naqueles primeiros ensaios. Só que Valéria tinha uma certa doçura, mesmo que limitada à performance ao microfone, e já na primeira vez que a ouvi me dei conta de que isso faria diferença.

Entre a noite no bar da Independência e a vinda do Nirvana a São Paulo foram onze meses. Comparar o dia anterior ao primeiro encontro com Valéria e o posterior ao show é como falar de tempos diversos, mundos contrários entre si. De Valéria eu também não guardei fotos, nem uma peça de roupa, nem uma fita com alguma música da banda, mas é como se ela continuasse com dezoito anos num presente eterno, e cada vez que vejo os vídeos do Morumbi eu sei que ela está lá, nas trevas entre as primeiras filas, logo adiante de onde filmaram a entrada de Kurt Cobain em meio à luz azul.

5. O Nirvana era a principal atração do *Hollywood Rock*, fechando a noite de sábado depois de apresentações de Dr. Sin, Engenheiros do Hawaii e L7. Kurt Cobain se hospedou com Courtney Love no Maksoud. Há uma reportagem em que João Gordo relata como foi a noite em que acompanhou o casal. Courtney Love teve uma crise de ciúmes e deu trezentos dólares para um travesti na Amaral Gurgel. Kurt Cobain ofereceu uma ampola quando a namorada de João Gordo se queixou de dor no estômago. A ampola foi guardada como troféu, o repórter mandou-a para um laboratório e descobriu se tratar de um remédio para dependência de heroína.

Durante o show Kurt Cobain gritou, chorou, gemeu, reclamou, interrompeu vários inícios de música, cuspiu e esfregou a calça nas câmeras. Também furou um amplificador com o braço da guitarra e caiu no palco. Ao final, saiu engatinhando. Um crítico definiu a apresentação como *longa, abusada e displicente*. E considerou o momento mais representativo do festival a cena em que o cantor, *entre o desespero e a maldição*, destruiu todos os instrumentos *quase delicadamente, sob o silêncio da plateia e das estrelas*.

6. Na semana do *Hollywood Rock*, ninguém no CPOR falou sobre Kurt Cobain. O assunto era a noite de quinta, a primeira em que dormiríamos num esquema de três horários, quatro horas de descanso para cada duas cuidando dos postos: portão, reforço, morro, lateral e paiol (...). A vida de quem está no quartel é ser punido, não há quem não tenha pagado pelos colegas, um pelotão inteiro que é posto para carregar pedra porque um aluno está com a calça sem vinco, uma companhia inteira que faz duzentos abdominais no barro porque alguém não tomou vacina. Quando se está de guarda isso é ainda mais fácil de acontecer, qualquer anotação é registrada no Boletim Interno, então a primeira sorte que se pode ter é em relação aos companheiros de serviço.

Um dos meus companheiros aquela noite se chamava Diogo. Era o que mais falava no banco da guarita. Ele passou o turno explicando como falsificar uma carteira de estudante, como dar um soco sem machucar o pulso, como abrir um carro usando um prego e um barbante e não dá nada porque PM é tudo putão, mas depois que ouvimos o sargento gordo no pernoite Diogo não contou mais nenhuma história. Eu não ouvi mais nenhuma palavra dele. Nós pegamos as canecas e fomos para a ceia, ele ficou na mesa ao lado e passamos a refeição evitando olhar um para o outro. Acabamos por volta de nove meia, voltamos para o alojamento, então o cabo da guarda comandou a coluna que rendeu o turno das dez.

O primeiro horário é razoável comparado com os demais. Dá para dormir três horas seguidas durante a noite. Mais que no segundo, que monta sentinela das duas às quatro e às cinco está de pé para a faxina, e o terceiro, que pega o auge do frio e da neblina no inverno. Durante a guarda os alunos ouvem música, bebem, dormem abraçados ao fuzil, e uma vez um cavalariano foi pego com um exemplar da revista de fotos *Sodomia*, mas naquela primeira noite eu passei o turno tentando me concentrar, pensando no que poderia e deveria fazer nos dias seguintes.

Uma das alternativas era sair do quartel na sexta, pegar um avião no sábado de manhã e chegar a Guarulhos na hora do almoço. Eu teria de atravessar a cidade até o Morumbi, mas isso não era problema. Eu teria que deixar a mochila em algum lugar, mas isso também se resolve. Eu teria de encontrar Valéria em meio à multidão, noventa mil pessoas de camisa de flanela e o cavanhaque de Kurt Cobain, mas até isso eu daria um jeito de fazer. O problema é que antes, por causa de Diogo e do sargento gordo, e era esta a dúvida que eu tinha no paiol, a escolha que mudaria tudo nas duas décadas a partir de então, o mais provável é que eu estivesse preso.

RESENHAS

CHICO LUDERMIR/DIVULGAÇÃO



Uma linguagem decisiva, firme e cortante

Após se firmar como um dos grandes poetas do Estado, Marco Polo chega ao conto

Raimundo Carrero

Uma linguagem firme, decisiva, cortante. Enredos breves, sem alongamentos, humanos. Assim, despojado e preciso, é o livro de contos de Marco Polo Guimarães. Uma estreia. Uma estreia de mestre, sem dúvida. Mas uma dessas estreias que vem sendo aguardada há muito tempo porque o autor já é um consagrado poeta, a confirmar seu estilo grave e incisivo. Um poeta que conta histórias, desde seu surgimento na década de 1960. É assim: Basta encostar os olhos nas palavras para compreendê-lo e admirá-lo.

Além disso, verifica-se o caráter sempre estranho dos seus personagens. A começar mesmo pela figura atordoante do personagem do miniconto que dá título ao livro – *Autópsia do bipede*. Com um detalhe – não é simpático; pelo contrário, é monstruoso. Tudo porque os outros personagens do livro

são, em geral, simpáticos e aventureiros. Às vezes inseguros, malandros, oscilantes.

Oscilantes no caráter, mas não na construção. Neste sentido o escritor acerta plenamente e não é por acaso que suas criações lembram personagens de *Jonh Fante*, e alguma coisa de *Salinger*. Uma leitura atenta do conto “Uma mulata” demonstra claramente a absoluta qualidade narrativa deste contista.

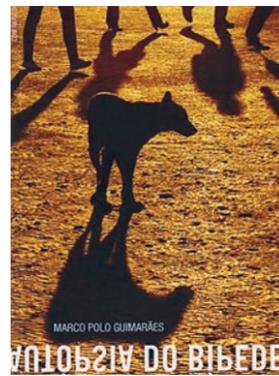
Mas curioso mesmo, na forma e no conteúdo, é “*Boracho*”, com uma técnica sofisticada e inusitada. Ali, a ação está nos detalhes, nas curiosidades, porque o personagem inominado se realiza, por assim dizer, nos traços e nos contornos. Nada de enredo ou de história. Nada de cena e de cenário. Só o personagem e suas esquisitices. Suas qualidades ou seus defeitos. E é isso. Um conto renovador na sua forma de dizer

sem narrar, com uma soma de detalhes. Num escritor menor seria apenas um esboço; nas mãos de Polo ganhou firmeza, vida e deslumbramento. Ao mesmo tempo conto, crônica e narrativa. Uma mão firme de contista sem exageros.

Tudo isto revela um conto já não digo surpreendente, porque Polo sempre foi um escritor de qualidade, e essas qualidades tão vivas e corretas não surpreendem e enlevam. Destaque-se, ainda, que Polo é, sobretudo, um criador de personagens, um ótimo criador de personagens, que povoam quase todas as páginas, ainda que não existam histórias, naquele sentido tradicional que todos nós conhecemos. São personagens que vão desde crianças abandonadas até boêmios, vagabundos, solitários e velhos entregues à cruel passagem do tempo.

E mulheres, lindas e sensuais, dessas em que um momento vale por uma eternidade. Assim, pode-se ler o livro de Polo como um grande, belo e inusitado aprendizado da vida, com tudo o que ela tem de maravilhoso e de inquietante.

Uma recomendação: é livro que precisa ser lido ao som de muita música, rock de preferência, com uma cachacinha ao lado.



CONTOS

Autópsia do bipede

Autor - Marco Polo Guimarães

Editora - Confraria do Vento

Preço - R\$ 39,00

Páginas - 168

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

O TEMPO E O VENTO

Personagens de Érico Veríssimo contam no cinema a história da formação do Rio Grande do Sul

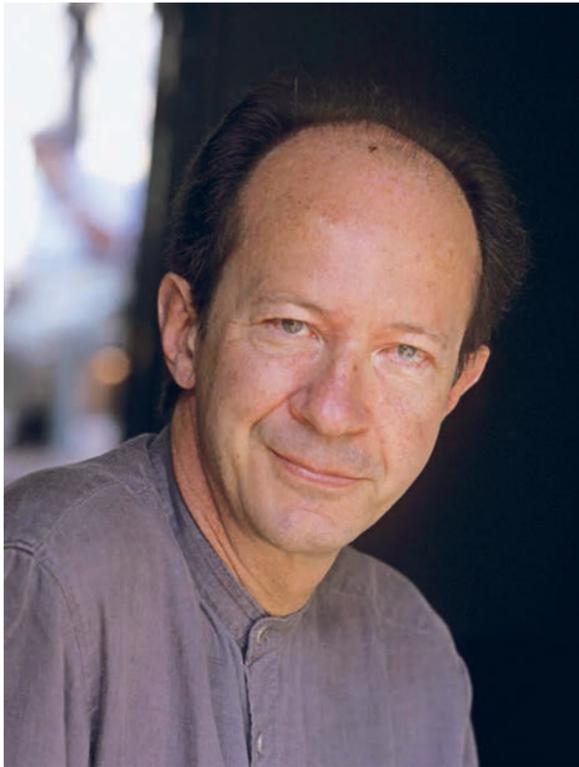
Chega às telonas em 20 de setembro a livre adaptação da obra mais famosa de Érico Veríssimo e uma das mais importantes da literatura brasileira, *O tempo e o vento*, que relata o processo de formação política e social do Rio Grande do Sul através da saga das famílias rivais Terra Cambará e Amaral, abrangendo um período de 150 anos, desde as Missões Jesuíticas até o final do século

19. Com selo da Globo Filmes e elenco conhecido da televisão, o romance – que foi minissérie de sucesso da TV Globo nos anos 1980 – estreia no dia do aniversário da Revolução Farroupilha. O clássico, dirigido por Jaime Monjardim, tem Thiago Lacerda no papel do Capitão Rodrigo (foto), numa caracterização muito próxima daquela que foi vivida por Tarcísio Meira na TV.

DIVULGAÇÃO



REPRODUÇÃO



O filósofo do hoje

A Editora Autêntica tem feito um trabalho excepcional em lançar aqui no Brasil títulos de alguns dos principais pensadores contemporâneos. É o caso de *A comunidade que vem*, do italiano Giorgio Agamben (foto), lançado originalmente em 1990. A obra apresenta reflexões filosóficas sobre como pensar uma comunidade não fundada nas ideias de identidade e universalidade. Composto de 19 ensaios e de fragmentos sobre o tema do “irreparável”, ou seja, a incontornável condição profana do mundo. A edição conta com tradução e notas do doutor em filosofia Cláudio Oliveira, que destaca o quanto Agamben propõe nesse livro uma investigação que leva inevitavelmente a reflexão política a se debater com questões lógicas, linguísticas e ontológicas, visto

que para o italiano, a distinção entre política, estética, ética, ontologia e outros saberes não faz sentido. *A comunidade que vem* é o quarto título da série Filô Agamben, que já conta com *Introdução a Giorgio Agamben*, de Edgard Castro, *O homem sem conteúdo* e de *Ideia da prosa*, ambas do próprio Agamben.



FILOSOFIA

A comunidade que vem
Autor - Giorgio Agamben
Editora - Autêntica
Preço - R\$ 34,00
Páginas - 104

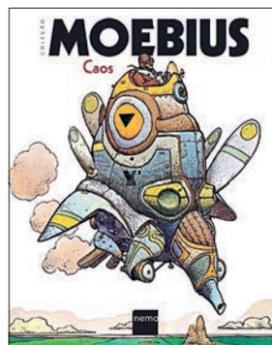
DIVULGAÇÃO



O futurismo do mestre

Desde 2011, a Editora Nemo vem publicando álbuns de Moebius, pseudônimo do francês Jean Giraud. Com a edição de *Caos*, oitavo volume de histórias do autor, ela encerra essa missão. Nas páginas de *Caos*, o leitor não vai se deparar com os roteiros futuristas de um dos autores que revolucionou as histórias de ficção científica. Mas terá a oportunidade de conferir ilustrações, rascunhos e pequenas narrativas realizadas em diferentes fases de sua carreira, além de vários desenhos inéditos. É quase como se estivéssemos percorrendo o *sketchbook* do desenhista. Dividida em três partes, “parapsicologia”, “maravilhas do universo” e “histórias”, as cenas e desenhos são um aperitivo para os que sentem falta do autor, morto em 2012, além da comprovação do talento imenso do francês que

deixou órfão não apenas os amantes da ficção científica, como dos quadrinhos em geral. Neste caso, como nos outros sete álbuns publicados, chama atenção o primoroso trabalho editorial realizado pela Nemo, que vem mantendo a alta qualidade gráfica nos volumes e acertada escolha de títulos. **(Danielle Romani)**



HQ

Caos
Autor - Moebius
Editora - Nemo
Preço - R\$ 59,00
Páginas - 88

PRATELEIRA

AQUI AMÉRICA LATINA – UMA ESPECULAÇÃO

Com base na produção literária contemporânea latino-americana, a professora e pesquisadora argentina Josefina Ludmer reflete sobre o fim da leitura tradicional como método de conhecimento da realidade, e como a configuração cultural e política da atualidade estaria definindo uma forma específica de “realidadeficção”, transitando por novos territórios e temporalidades.



Autora: Josefina Ludmer
Editora: UFMG
Páginas: 183
Preço: R\$ 49,00

A COSTUREIRA DE KHAIR KHANA

Jornalista que escreve sobre mulheres empreendedoras em áreas de guerra e pós-guerra, a autora relata a história verdadeira de Kamila Sidigi, do Afeganistão, que queria ser professora de literatura, mas foi proibida de estudar após a tomada de Cabul pelos talibãs. Sem se entregar, ela transformou o ofício de costureira em atividade que dá emprego a mais de 100 mulheres em sua comunidade.



Autora: Gayle Tzemach Lemmon
Editora: Pensamento
Páginas: 200
Preço: R\$ 29,90

O ROMANTISMO EUROPEU – ANTOLOGIA BILINGUE

As organizadoras procuram suprir a carência bibliográfica em português de textos do romantismo europeu (final do século 18 até metade do século 19), oferecendo uma seleção de autores associados à difusão do movimento na Europa. São oito textos originais e sua tradução, do alemão, francês, inglês, italiano e espanhol, em estilos que vão da carta ao ensaio, conto e romance.



Organizadoras: Ana Maria Chiarini, Anna Palma e Maria Juliana Gambogi Teixeira
Editora: Autêntica
Páginas: 224
Preço: R\$ 34,00

OS DINOSSAUROS PODEM SER ADESTRADOS?

O livro reúne as perguntas mais criativas e engraçadas feitas por crianças a Henning Wiesner, diretor de zoológico, que tem um programa de rádio nos Estados Unidos sobre o mundo animal. As respostas bem-humoradas introduzem, com muita naturalidade, informações científicas e curiosidades. As ilustrações de Günther Mattei também são cheias de comicidade.



Autor: Henning Wiesner
Editora: Cosac Naif
Páginas: 224
Preço: R\$ 39,90

GILVAN LEMOS

Cepe lança na Bienal dois livros famosos do escritor

Emissários do Diabo e *O anjo do quarto dia*, dois dos livros mais famosos do pernambucano Gilvan Lemos, serão lançados pela Cepe Editora durante a IX Bienal Internacional do Livro de Pernambuco, em outubro. Lemos publicou 25 livros (12 romances, sete de contos e seis novelas). Em 2012 o autor teve o romance *Os olhos da treva* também relançado pela editora.

MULHER E LITERATURA

Encontro homenageia escritoras do Nordeste

A presença da mulher na literatura é o tema de dois encontros paralelos, que acontecem de 12 a 14 deste mês, na Universidade Federal do Ceará: o XV Seminário Nacional e o VI Seminário Internacional *Mulher e Literatura*. As escritoras nordestinas em geral serão as homenageadas, como estímulo à propagação da sua produção. Mais informações no site www.mulhereliteratura2013.com.br

CONCURSO CEPE

Inscrições terminam no dia 30 de agosto

O IV Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil está com inscrições abertas até o dia 30 deste mês. Os interessados devem consultar o regulamento no portal www.cepe.com.br e no site editora.cepe.com.br, e fazer download da ficha de inscrição e do termo de concordância. Os prêmios do concurso somam R\$ 32 mil, e as obras serão publicadas pela Cepe Editora. Os livros do concurso anterior estão sendo lançados neste semestre.

CRÔNICA

José Luiz Passos

KARINA FREITAS



O que vale mais que um busto

No bairro de Salvador onde uma vez por ano alugo um apartamento, há um busto em bronze, de costas para o mar, perto do ponto em que, dizem, nasceu o Brasil. Mas não é o busto de nenhum brasileiro. É Stefan Zweig, sereno, de olhos abertos, com o bigode polido pelo afago dos passantes. Zweig é famoso por ali; muita gente tira foto com ele. De manhãzinha, quando passo correndo, tem sempre alguém dormindo ao pé do escritor. O busto fica ao lado de um banheiro público, de frente para dois bares e um grande centro hospitalar. Também divide a calçada com carrocinhas de coco. Então, matando a sede, as pessoas às vezes se escoram em Zweig.

Os homenageados têm, em geral, a sorte de uma companhia tão tranquila que se confunde com a indiferença. Duvido que Lima Barreto quisesse ter essa sorte. A lógica da homenagem literária obedece a vários reis. Há a sanção popular, claramente evidente em leitores de ônibus, bancos de praça e fã-clubes; há o juízo da crítica, que se expressa em dissertações, teses e na contagem de artigos; e há o amor carnal dos agentes e editores, cuja prova é a sequência ininterrupta das reedições de um autor. Sob qualquer um desses critérios, alguém ainda duvida que Lima Barreto esteja entre os principais da língua?

Bem, Policarpo, eu não quero contrariar você; continue lá com as suas manias. A cara do Brasil tem muitas cores. Seus escritores, muitas manias. A esse respeito, surgiu numa festa literária recente um debate curioso: que o Brasil precisava homenagear um escritor com a cara do Brasil; que tudo era político e o escritor que falasse a verdade, falaria politicamente. Não dispuo a crença de que um diagnóstico crítico, a respeito das molas do poder de

sua época, faça parte da relevância do escritor Lima Barreto. Tampouco ponho em questão a complexidade que sua escrita deriva de uma trajetória praticamente ignorada pela literatura do período: os riscos de uma vida como autor negro, pobre, enfrentando-se a preconceitos e problemas psiquiátricos, na pugna com o alcoolismo. Não é que essas variáveis outorguem à escrita nenhum mérito automático. É, mais ou menos, o contrário. A urgência de uma escrita que busque o registro de experiências inconformadas é índice da força e da variedade de um autor. A literatura é o campo em que essas experiências devem contar para todos, e não apenas para aqueles que passaram por elas. É precisamente aí que a política e a homenagem podem se dar as mãos.

– *Sabes o que estou fazendo, Anastácio?*

– *Não “sinhô”.*

– *Estou vendo se choveu muito.*

– *Para que isso, patrão? A gente sabe logo “de olho” quando chove muito ou pouco...*

Policarpo Quaresma vai medir a chuva que Anastácio considera plenamente constatada a partir de um mero golpe de vista. O momento verdadeiramente político de uma homenagem a qualquer escritor é semelhante ao gesto de Policarpo: levar aquilo que parece opaco, de tão natural, ao reino do visível; tornar a escrita que realiza tal operação nossa bem-vinda vizinha. Como me disse uma professora querida, literatura é leitura e leitores, e os escritores são feitos nessa presença de detalhes revistos a cada geração.

A grande visão política do nosso homenageado está em fazer da vida de gente humilde um complexo de tramas desconfiadas; usar o simplório como pedra no sapato dos grandes ideais; lançar mão

do ridículo na denúncia do nosso proselitismo; enxergar a majestade do drama em detalhes comuns e, sobretudo, dar ao eu confundido uma dignidade que ele carecia, quando antes era apenas examinado de cima para baixo, sob a ótica das instituições bem-nascidas. Para além do chavão, a homenagem que se fizer a Lima Barreto só lhe fará justiça se ela incluir nossa carência dele: ver-nos na cara do autor é pensar com ele um Brasil que, de certa forma, o negou.

Uma homenagem deveria transformar a opacidade do óbvio em algo palpável, que de repente passe a fazer parte da paisagem de todos. Não é óbvio que Lima Barreto é a nossa cara? E, no entanto, por onde anda ele? Aplaudamos o escritor com cuidado; ele sabe mais do Brasil do que o Brasil quis saber dele. *A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia. A que existia de fato era a do tenente Antonino, a do doutor Campos, a do homem do Itamarati.* E até no delírio patriótico, a pátria é inimiga e se denuncia.

Hoje, a caminho da aula, cruzei novamente com meu querido Zweig. Quem olhe dali para longe, talvez buscando no outro lado uma ponta da África, dá de cara com o bronze nos olhando de volta, como quem diz que sabia que o Brasil iria ser o país do futuro... Colei por cima da plaqueta com o nome do busto um papelzinho avisando aos passantes: *Lima Barreto me representa.* No final da vida, tal qual um Policarpo, Zweig teve a mania de entender o Brasil. Por outro lado, o sublime Lima, na sua singela grandeza, lá de trás, já havia entendido o esforço do próprio Stefan Zweig. Ora, me parece que isso vale mais que um busto.